UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

JUCIELMA DOS SANTOS SILVA

Os “Lugares” do Centro Acadêmico do Agreste

Caruaru
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

JUCIELMA DOS SANTOS SILVA

Os “Lugares” do Centro Acadêmico do Agreste

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Administração, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), do Centro Acadêmico do Agreste (CAA), como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).
Orientador: Prof. D.Sc. Sandro Valença

Caruaru
2016

Catalogação na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

S586l Silva, Jucielma dos Santos.
Os “Lugares” do Centro Acadêmico do Agreste. / Jucielma dos Santos Silva. – 2016.
77f. il. ; 30 cm.

Orientador: Sandro Valença da Silva
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Administração, 2016.
Inclui Referências.

1. Espaços públicos. 2. Organização. 3. Fenomenologia. 4. Centro Acadêmico do Agreste. I. Silva, Sandro Valença da (Orientador). II. Título.

658 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2016-211)

JUCIELMA DOS SANTOS SILVA

Os “Lugares” do Centro Acadêmico do Agreste

Este trabalho foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de graduada em Administração, pelo Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco.

Caruaru, 16 de julho de 2016

_____

Prof. Dr. Cláudio José Montenegro de Albuquerque
Coordenador do Curso de Administração

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. D.Sc. Sandro Valença
Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco
Orientador

_____

Prof. M.Sc. José Artur Muniz
Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco
Examinador

_____

Prof. M.Sc. Francisco Ricardo Bezerra Fonseca
Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Berenice e José de Assis, meus pais, pelo amor incondicional e pela confiança em mim depositada.

AGRADECIMENTOS

Aqui, externo minha imensa gratidão a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, à concretização deste trabalho. Especialmente:

A Deus, por abençoar a minha vida e guiar meus caminhos.

Ao Prof. Sandro Valença, orientador do trabalho, pela confiança depositada em mim, por sua paciência e imensurável contribuição, não apenas desta feita, mas em minha vida acadêmica, como um todo. Agradeço, ainda, por compartilhar comigo seus conhecimentos e pela possibilidade de eu ter aprendido com seu exemplo pessoal e profissional.

A Síllas Dias, por sempre torcer e acreditar em mim, por sua atenção e carinho, pela possibilidade de enriquecimento pessoal, desde que entrou em minha vida e, também, por sua inestimável contribuição ao TCC.

Aos meus pais, Berenice e José de Assis, por todos os esforços despendidos para que eu chegasse onde cheguei, por acreditarem e se orgulharem de mim, pelo amor e, principalmente, pela compreensão nos momentos difíceis.

À Mariane Sales, pelas contribuições ao TCC, pelo incentivo, críticas construtivas e conversas agradáveis; por me proporcionar, através da amizade, crescimento pessoal.

À Jéssica Silva, minha irmã, por escutar minhas reclamações e pelas conversas e momentos de descontração, que me deixaram mais calma e feliz, durante a jornada.

À Kamila Freitas e Camila Carvalho pela amizade e apoio. E, também, a todos os meus colegas, pelo carinho e momentos memoráveis.

Ao professor Lindenberg Xavier, pelas dicas e contribuições prestadas ao TCC. E a todos os professores, que contribuíram com meu crescimento acadêmico e pessoal.

A todos os entrevistados, pela atenção e disposição indispensáveis à consecução do TCC.

EPÍGRAFE

É o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos obrigados a fazer
Aldous Huxley

RESUMO

Lugar é um conceito geográfico que possui diferentes definições que, em síntese, remetem a ação humana sobre o espaço. É um termo promissor para o conhecimento de relações sociais e afetivas, experiências e vivências, assim como para significados, valores e identidade. Existem inúmeros lugares e um exemplo deles são as organizações. Estas, por sua vez, têm como um de seus principais problemas o trato com as pessoas. Para que haja um bom relacionamento entre as pessoas e as organizações, diversas abordagens são exploradas e estudadas dentro do campo organizacional. Todavia, o lugar costuma ser pouco explorado dentro dessa perspectiva, mesmo sendo o espaço mais próximo vivenciado pelos sujeitos e contemplando suas relações e experiências. Levando em conta essa situação, surge a possibilidade de se abordar a organização através do conceito de lugar e descobrir se isso pode trazer contribuições à sua gestão Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar contribuições gerenciais para uma organização — entendida como um "lugar" —, a partir da percepção dos sujeitos que nela trabalham. A fenomenologia mostrou-se adequada para o estudo das vivências e experiências dos sujeitos e o método utilizado foi o de Sanders (1982). Chegou-se a conclusão de que a análise do lugar apresenta contribuições para o âmbito organizacional por fornecer muitas informações sobre a relação dos servidores com a organização, sendo possível saber como os sujeitos enxergam a instituição, porque a escolheram como lugar de trabalho, e também o motivo de sua permanência nesta, além de identificar aspectos positivos e negativos relacionados ao CAA.

Palavras-Chave: Lugar; Organização; Fenomenologia; CAA/UFPE.

ABSTRACT

Place is a geographical concept which has several definitions. Briefly, these definitions refer to human action over the space. The concept is promising for the knowledge about social and affective relations and experiences, but also for meanings, values and identity. There are numerous places and organizations are an example of them. A common problem of these entities is the manner of dealing with people. Aiming to create a safe relation between people and the organizations, several approaches are frequently explored and studied inside the organizational field. However, place is not usually explored from that perspective, even being the nearest space experienced by the subjects. Considering that situation, it rises the possibility of exploring organization through the concept of place, and discover possible contributions to its management. Thus, the main purpose of this research was identify managerial contributions for an organization – perceived as a place –, based on the perception of its employees. Phenomenology has showed to be appropriated to study experiences of subjects, and the method used in this work was that used by Sanders (1982). It was possible to conclude that analysis of place presents contributions for organizational field because it provides many information about the relation between the CAA and its employees, like the manner they perceive the organization and the reasons why they work for it, as well as identify positive and negative aspects related to the CAA.

Keywords: Place; Organization; Phenomenology; CAA/UFPE.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1: Centro Acadêmico do Agreste (CAA)..... 33

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Essências do CAA..... 47

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Evolução do conceito fenomenológico..... 35
QUADRO 2: Servidores ingressantes em 2006..... 38
QUADRO 3: Roteiro de entrevista..... 39
QUADRO 4: Objetivos específicos e suas respectivas questões..... 42
QUADRO 5: Identificação de temas..... 42
QUADRO 6: Temas emergentes e suas recorrências..... 44

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO..... 14
1.1 Problema..... 16
1.2 Objetivos..... 17
1.2.1 Objetivo geral..... 17
1.2.2 Objetivos específicos..... 17
1.3 Delimitações do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)..... 18
1.4 Justificativa..... 19
1.5 Estrutura do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)..... 20

CAPÍTULO II

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 21
2.1 Lugar: uma Categoria do Espaço Geográfico..... 21
2.2 Um Conceito em Evolução Sob Duas Acepções..... 25
2.2.1 O Lugar na Geografia Humanística 25
2.2.2 O Lugar na Geografia Crítica..... 27
2.3 O Lugar Estudado..... 30
2.3.1 Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)..... 30
2.3.2 Centro Acadêmico do Agreste (CAA)..... 32

CAPÍTULO III

3 METODOLOGIA..... 34
3.1 Método..... 34
3.2 Procedimentos Metodológicos..... 37
3.2.1 Instrumento para Coleta de Dados e Informações..... 38
3.2.2 Processamento de Dados e Informações..... 40

CAPÍTULO IV

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... 41
4.1 Análise fenomenológica dos dados..... 41
4.1.1 Descrição..... 41
4.1.2 Identificação de temas ou invariantes..... 45
4.1.3 Conjunto de essências..... 46
4.2 Discussão dos Resultados..... 48

CAPÍTULO V

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 53
5.1 Recomendações..... 55

REFERÊNCIAS..... 56

APÊNDICES..... 61

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO

O lugar é um conceito-chave da geografia e pode apresentar diversas interpretações (CÔRREA, 2000). Para Castrogiovanni (2007), por exemplo, o lugar é a porção do espaço apropriada para a vida. É um produto humano, produzido e reproduzido na relação entre espaço e sociedade. Para Spink (2001), no entanto, o lugar é aquilo que temos, cujos horizontes e limites são construídos e disputados por nós mesmos.

Outra definição de lugar é apresentada por Marc Augé (2012) sob a denominação de lugar antropológico, o qual é uma construção concreta e simbólica do espaço, que possui pelo menos três características comuns, podendo ser identitário, relacional e histórico. Já para Tuan (1983) à medida que o espaço recebe definição e significação, que se torna inteiramente familiar, ele não é mais espaço e sim lugar. É mediante esse processo que os lugares são concebidos.

A autora Ana Fani Alessandri Carlos também definiu o lugar, e para ela o mesmo é "a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade: habitante - identidade – lugar" (CARLOS, 2007, p. 17). As pessoas desempenham relações com o espaço diariamente; possibilitando que o espaço seja sentido, pensado, apropriado e principalmente vivido através do corpo (CARLOS, 2007).

Carlos (2007), assim como o autor Castrogiovanni (2007), fala do lugar como apropriado para a vida. No entanto, a autora dá uma ênfase muito grande à apropriação dos espaços através do corpo, pois segundo ela é através do corpo que o homem habita e se apropria dos espaços (CARLOS, 2007).

Conforme o exposto, é possível constatar que o lugar pode apresentar-se sob diversas concepções. Contudo, caso se olhe atentamente os conceitos exibidos, encontrar-se-á uma convergência de ideias que se refere à produção do lugar, mediante a ação humana sobre o espaço, constituindo, assim, a "base" do lugar.

Entretanto, o lugar onde se vive, necessita ser conhecido e reconhecido por aqueles que o habitam e o transformam. Conhecer este espaço permite saber se movimentar, trabalhar e produzir nele; permite, ainda, que o sujeito consiga reproduzir a si (CALLAI, 2004).

Constata-se, então, que existe necessidade de conhecer o lugar e, também, de estudá-lo, uma vez que o mesmo precisa ser conhecido por seus autores e por aqueles que mantêm alguma relação direta ou indireta com ele.

No entanto, é preciso definir um lugar a ser conhecido e estudado, o que não é tarefa fácil, já que existem diversos deles. O lugar pode ser a rua, a praça, o bairro (CARLOS, 2007). Muitos trabalhos abordam o conceito de lugar relacionado ao turismo e também ao ensino em geografia. Porém, o lugar é subjetivo e amplo, o que possibilita a exploração do termo por outras áreas de conhecimento.

O lugar é palco de experiências e vivências humanas, ou seja, está diretamente relacionado com a produção social. Perspectiva que permite que a organização também seja um lugar, e, enquanto tal, a organização é uma construção social constituída de sentimentos, interpretações e memórias daqueles que exerceram ou exercem ações no lugar (SILVA; SARAIVA, 2013).

As organizações são elementos necessários à sociedade por contribuir com a solução de problemas, permitir a realização de tarefas, promover carreiras profissionais, entre outras contribuições. Elas têm como propósito atingir objetivos e, para tanto, dispõe de duas ou mais pessoas trabalhando em parceria e de modo estruturado; elas, também, têm líderes ou administradores que auxiliam no alcance desses objetivos (STONER; FREEMAN, 2000).

De acordo com Robbins (2009), os principais problemas enfrentados pelos administradores vão de encontro a um tema comum, que se refere ao trato com as pessoas. Infelizmente, no campo da administração pensou-se em muitos aspectos até que o comportamento humano recebesse a merecida atenção no ambiente de trabalho. Um bom exemplo é a administração científica, que contou com a brilhante contribuição de Taylor para aumentar a produtividade e a eficiência dos trabalhadores, e foi bem-sucedida nesse aspecto, no entanto, recebeu críticas por não levar em consideração as necessidades de satisfação no trabalho e as necessidades sociais dos trabalhadores (STONER; FREEMAN, 2000).

Negligenciar o aspecto humano das organizações pode desencadear muitos problemas, pois "nenhuma organização pode funcionar sem um certo nível de comprometimento e de esforço por parte de seus membros" (STONER; FREEMAN, 2000, p. 322). Entende-se, então, que para enfrentar um ambiente de trabalho competitivo e com inúmeras demandas é preciso levar em consideração mais do que aspectos técnicos. É preciso exercer habilidades interpessoais (ROBBINS, 2009).

Assim, as organizações estão sempre buscando explorar e estudar diversas abordagens dentro do campo organizacional, para manter um bom relacionamento com seus colaboradores.

Contudo, mesmo o lugar sendo o espaço mais próximo vivenciado pelos sujeitos e contemplar suas relações e experiências, ele não costuma ser explorado como uma abordagem de assistência ao relacionamento entre as organizações e as pessoas.

Spink (2011), por exemplo, afirma que o lugar é pouco explorado como espaço de decisão nas organizações, e que o termo evidencia áreas de conhecimento e de reflexão interdisciplinar que, normalmente, não são consideradas pelo campo dos estudos organizacionais.

1.1 Problema

Diante da necessidade de gerenciar melhor os capitais organizacionais — materiais e humanos —, novas abordagens têm sido propostas. Estudos e pesquisas também têm sido realizados com a finalidade de entender e lidar, de forma criativa, com as organizações. Entretanto, o conceito de lugar — que remete ao espaço vivenciado de modo mais íntimo pelos sujeitos —, associado a tais entidades, ainda se apresenta pouco explorado. E isto pode ser visto como um problema, que, se bem solucionado, tem potencial para contribuir ao desenvolvimento de novas aplicações gerenciais.

Apresenta-se, assim, a seguir, o problema de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), didaticamente convertido a uma pergunta:

A análise da organização — como um "lugar" — pode trazer contribuições à sua gestão?

1.2 Objetivos

Nesta seção, encontram-se descritos os objetivos geral e específicos que orientaram a realização do TCC.

1.2.1 Objetivo geral

Identificar contribuições gerenciais para uma organização — entendida como um "lugar" — , a partir da percepção dos sujeitos que nela trabalham.

Observações:

- A organização referencial aqui utilizada foi o Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco (CAA/UFPE).
- Por sua vez, os sujeitos de pesquisa foram parte de seus professores e técnicos.

1.2.2 Objetivos específicos

Conhecer:

I – *A personalidade do CAA/UFPE*;
II – *As razões que levaram os professores e técnicos a escolherem o — e se manterem no — CAA/UFPE como lugar de trabalho; e*
III – *As características — positivas e/ou negativas — do CAA/UFPE para os sujeitos que nele trabalham*.

Observações, de acordo com:

- Yázigi (2001), o "lugar" possui uma personalidade. Esta é composta por um amplo conjunto de identidades, como: história; costumes; detalhes e adornos; tipos humanos e relações com o meio e a região; pertença [*sic*]; sons específicos; segredos; diferenciais próprios do meio ambiente, entre outras. Conhecer a personalidade do CAA/UFPE significa conhecer algumas identidades do mesmo, que, consequentemente, constituem

sua personalidade. Conhecer a personalidade do CAA/UFPE é, aqui, crucial, uma vez que a organização está sendo entendida como um lugar — reitera-se.

- Tuan (1983), o "lugar" é uma pausa no movimento. Os seres humanos descansam em um local pela possibilidade de satisfazer suas necessidades; e a pausa permite que a localidade se torne um centro de valor. Procurou-se, destarte, conhecer as razões que levaram os professores e técnicos a escolher o CAA/UFPE como lugar de trabalho e, também, as que os levaram a nele permanecerem.
- Yázigi (2001), o lugar possui características que podem ser qualificadas como boas ou ruins, pois nem tudo que marca o espaço geográfico é dotado de características — ou significados — positivas. Sendo assim, buscou-se conhecer as características positivas, mas também as negativas do lugar — isto é, do CAA/UFPE.

1.3 Delimitações do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Abordou-se, ora, o CAA/UFPE como um lugar, a partir da percepção de professores e técnicos vinculados à organização, de 2006/1 até 2016/1. Para tanto, utilizou-se como método a fenomenologia.

Desta feita, o lugar é entendido como categoria geográfica, que compreende o espaço vivenciado de modo mais íntimo pelos sujeitos; espaço de experiências, significados, sentimentos e identidade.

A pesquisa se restringiu, assim, a uma organização pública — a UFPE e, mais precisamente, a um de seus *campi*, o CAA, localizado em Caruaru (PE). De imediato, entende-se que os demais *campi* da UFPE — o de Recife (PE) e o de Vitória de Santo Antão (PE) — não serão objeto da pesquisa.

No que concerne ao período pesquisado, a delimitação se referiu aos anos de existência do CAA, que contempla desde o ano/semestre de inauguração do *campus* — 2006/1 —, até o ano/semestre atual — 2016/1. Então, considerou-se os 10 anos de existência da organização, período entendido como promissor para o estudo de um lugar, dado contemplar vivências valiosas.

Descrever os significados, os sentimentos e demais características existentes no CAA envolveu, principalmente, sujeitos — professores e técnicos — que permaneceram, ou permanecem, no centro organizacional de sua inauguração até hoje. Acredita-se que estes podem descrever muito bem o *campus*, assim como outros sujeitos que também fizeram parte da história desse lugar.

Devido à necessidade de se abordar pessoas que permaneceram — e permanecem — por tão longo período vinculados a uma organização, outro importante grupo de sujeitos — o dos estudantes — não foi abordado — em geral, e em termos comparativos aos dois anteriormente mencionados, estes não permanecem vinculados à organização em foco por tamanho tempo. Entretanto, é importante ressaltar que o grupo dos estudantes também é de extrema importância na idealização da instituição.

A pesquisa também se restringiu aos professores de apenas cinco graduações: Administração, Design, Economia, Engenharia Civil e Pedagogia — aqueles cursos existentes quando da inauguração do CAA, em 2006/1.

Foram entrevistados cinco técnicos e cinco professores, que ingressaram na instituição em 2006/1. Sendo um professor do curso de Administração, um de Design, um de Economia e dois de Pedagogia. Uma vez que os entrevistados foram selecionados por critério de acessibilidade e disponibilidade; devido a dificuldade de encontrar os professores de engenharia civil, nenhum professor do curso foi entrevistado.

1.4 Justificativa

O tema escolhido é relevante para diversas áreas de conhecimento por se tratar de um conceito geográfico amplo e subjetivo que permite conhecer a realidade vivida de forma mais íntima pelos indivíduos em diversos espaços. O tema permite, ainda, ver ou rever conhecimentos de geografia, relevantes por contemplar aquilo que temos ao nosso redor, o mundo do qual fazemos parte, por permitir analisar nossa realidade e entendê-la.

A pesquisa é uma oportunidade de conhecer as singularidades de um determinado lugar e também de divulgar, posteriormente, os resultados encontrados para que as pessoas conheçam a essência do lugar, trazendo, assim, uma contribuição social. A pesquisa também pode

contribuir, através da análise do homem e seu meio, para o entendimento das relações desenvolvidas e construídas no espaço e no cotidiano.

A pesquisa traz contribuições científicas ao realizar um estudo sobre o tema “lugar” em uma perspectiva da qual não se tem conhecimento de trabalhos semelhantes: o estudo de uma universidade enquanto lugar. Ressaltando, assim, a relevância do estudo devido ao seu caráter inovador.

O TCC explora, também, o lugar no campo organizacional e por se tratar de um termo pouco explorado nessa perspectiva, o trabalho pode mostrar aspectos relevantes para âmbito gerencial.

Por fim, o lugar merece ser estudado, pois é “um dos referenciais indispensáveis à vida, nas esferas do cotidiano, do trabalho, dos afetos e dos ideais” (YÁZIGI, 2001, p. 41).

1.5 Estrutura do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

O trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos, o primeiro abarca a introdução do trabalho, o problema de pesquisa, os objetivos, as delimitações, a justificativa e a estrutura dos capítulos. O segundo capítulo traz o referencial teórico que comporta subseções, destinadas a discorrer sobre o lugar enquanto categoria geográfica e também a evolução do conceito sob duas acepções — Humanística e Crítica. O referencial também contempla uma pequena seção sobre o lugar estudado, o Centro Acadêmico do Agreste, *campus* da Universidade Federal de Pernambuco.

O terceiro capítulo aborda a metodologia da pesquisa, que inclui a natureza e o método utilizado, os procedimentos metodológicos, o instrumento de coleta de dados e como acontecerá o processamento dos mesmos. A apresentação dos resultados obtidos, bem como sua análise e discussão encontram-se no capítulo quatro.

O quinto e último capítulo compreende as considerações finais, na qual é possível observar um apanhado geral do trabalho, mostrando os resultados da pesquisa e se os objetivos foram alcançados.

CAPÍTULO II

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica encontra-se divida entre: o que se pretendeu conhecer, e o espaço onde se buscou fazer isso. Mais precisamente, a fundamentação teórica tratou da categoria geográfica "lugar" — com sua evolução conceitual — e do CAA.

2.1 Lugar: uma Categoria do Espaço Geográfico

No cerne da geografia encontramos alguns conceitos sem os quais a mesma seria incompleta. Cinco desses conceitos possuem certo grau de parentesco entre si e são considerados conceitos-chave na análise geográfica: o espaço, o território, a paisagem, o lugar e a região (CÔRREA, 2000).

Todos esses conceitos são de extrema importância para o estudo da geografia, o que torna a apresentação deles, no mínimo, interessante, já que eles ajudam a elucidar o mundo no qual vivemos. Tais conceitos podem assumir diferentes concepções dependendo do autor ou da corrente de pensamento geográfico na qual se encontram.

O espaço geográfico é o conceito mais abrangente e, por conseguinte, o mais abstrato. Uma expressão que aparece como vaga, estando associada a uma porção específica da superfície terrestre que pode ser identificada pela natureza, pela ação do homem ou até mesmo pela localização (CÔRREA, 2000; SUERTEGARAY, 2001).

Para Santos, o espaço é compreendido como "um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações" (2006, p. 12). Sistemas que não existem separadamente: são indissociáveis, solidários e também contraditórios, mas é sobre este quadro único que a história acontece (SANTOS, 2006).

Trindade (2010) defende que o espaço geográfico é fruto da intervenção humana sobre a natureza ao longo do tempo; ele é produzido e reproduzido por meio da relação entre sociedade e natureza.

Enquanto o espaço apresenta-se como o todo — o maior lugar possível — o território e a região são expressões do lugar (VEIGA, 2007). Não tão abrangentes como o espaço, os conceitos de território e região também são muito relevantes no âmbito da geografia.

O território, de acordo com Santos (2007, p. 14), "não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas". O território precisa ser entendido de acordo com seu uso e não como território em si, pois o primeiro conceito representa o somatório do chão mais a identidade, além de ser mais importante como categoria de análise do espaço do que o segundo conceito (SANTOS, 2007).

Segundo Gomes (2000), no dia-a-dia a noção de região apresenta-se atrelada a dois princípios fundamentais: o de localização e o de extensão. Entretanto, a região transcende tais princípios, "ela está vinculada a práticas e processos histórico-sociais localizáveis geograficamente" (TALASKA, 2011, p. 208). Por meio da região é possível compreender uma realidade particular em um sistema universal, pois as características locais criam delimitações espaciais, particularidades, individualidades, criam a identidade de cada região (TALASKA, 2011).

A paisagem, por sua vez, é considerada por Santos (2006, p. 67) como "apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão". No entanto, Lopes (2012, p. 27) conceitua a paisagem de forma mais abrangente e diz que "na realidade a paisagem é um entremeio entre o mundo das coisas e o da subjetividade humana". Essa afirmação tem a intenção de nos mostrar que mesmo a paisagem sendo uma porção do espaço captada pelo olhar, essa captação da paisagem vai além do visível, pois à medida que observamos também concedemos sentidos e significados à paisagem (LOPES, 2012).

A última categoria a ser discutida é o lugar. Talvez a categoria mais significativa para o sujeito, já que está mais próxima das relações sociais e afetivas, da experiência humana, da identidade e dos significados que este atribuiu ao meio.

Para Castrogiovanni (2007), o lugar é uma porção do espaço apropriada para a vida; é vivido, reconhecido e possui identidade. O lugar é, em essência, um produto humano que é produzido e reproduzido na relação entre o espaço e a sociedade, entre o singular e o coletivo.

Para Spink (2001), o lugar é aquilo que temos, cujos horizontes e limites são construídos e disputados por nós mesmos.

Tuan (1983), por sua vez, definiu o lugar como o espaço em que é possível prover necessidades e ao qual os indivíduos atribuem valor. Segundo o autor, o lugar é "uma pausa no movimento" (TUAN, 1983, p. 181). Os seres humanos descansam em uma determinada localidade porque ela pode satisfazer suas necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação, e essa pausa permite que a localidade torne-se um centro de valor. É por meio deste processo que os lugares são concebidos, à medida que o espaço recebe definição e significação, que se torna inteiramente familiar, ele não é mais espaço, e sim lugar (TUAN, 1983).

Mocellim (2009) compartilha do mesmo pensamento de Tuan (1983), e entende que o lugar é o espaço onde se dão as ações humanas e onde elas ganham significado.

De forma simples, o lugar é a porção do espaço onde vivemos, onde se desenvolve nossa existência. É no lugar que nosso cotidiano é definido (COELHO; TERRA 2005).

Segundo Coelho e Terra (2005), quando vivemos em um lugar criamos uma identidade com ele, o lugar passa, então, a ter significado para nós, nossa memória guarda percepções e vivências dele com as quais nos identificamos e, assim, estabelecemos uma relação afetiva com o lugar.

Para uma melhor compreensão do lugar, Yázigi (2001), usa de forma plausível o substantivo "personalidade" para designar as características que o lugar possui, sejam elas materiais ou não. Essas características podem ser qualificadas como boas ou ruins, pois nem tudo que marca o espaço geográfico é dotado de significados positivos.

A palavra personalidade é utilizada por permitir uma melhor compreensão por parte das pessoas, já que é um substantivo amplamente difundido. A personalidade refere-se ao amplo conjunto de identidades que o lugar possui, como a história, as relações sociais, os costumes, instituições, tipos humanos e relações com seus meio, entre outros (YÁZIGI, 2001).

O lugar é fruto da relação entre o indivíduo e o espaço, resultado dos significados que ao espaço são atribuídos. O lugar é palco de vivências e experiências humanas, aspectos que constroem sua personalidade.

Um exemplo plausível de lugar pode ser observado no filme "O terminal" (SPIELBERG; McDONALD; PARKERS, 2004). Neste Viktor Navoski viaja para Nova York e, enquanto isso, seu país de origem sofre um golpe de Estado. Assim, seu passaporte fica invalidado, até que a situação seja normalizada. E ele fica impossibilitado de entrar nos Estados Unidos e de voltar para seu próprio país, ficando "confinado" ao aeroporto. Sem poder sair, Navoski passou a morar no aeroporto por alguns meses. No tempo, fez amizades, conseguiu trabalho, supriu suas necessidades físicas, criou laços com as pessoas que trabalhavam ali — criou uma verdadeira identidade com o espaço. Teve experiências e desenvolveu relações sociais e afetivas no aeroporto. Enquanto, para muitas pessoas, o aeroporto era um local de passagem — para aquelas que estavam a trabalho ou a lazer; para Navoski, o aeroporto se tornou um "lugar".

É interessante ressaltar que os aeroportos, assim como rodovias e *shopping centers* são exemplos de "não lugares" (AUGÉ, 2012). A expressão foi elaborada e empregada pelo antropólogo francês Augé, e para ele os não lugares "são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (trevos rodoviários e aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais [...]" (AUGÉ, 2012, p. 36).

Compreende-se que tanto o lugar como o não lugar são resultados de construções sociais. Os espaços têm sua existência relacionada ao modo como os sujeitos apropriam-se e atribuem ou não significados a eles, o que permitiu, portanto, que um espaço tratado por muitos como não lugares, fosse um lugar para quem se apropriou deste de forma diferente.

Embora, aqui, se tenha tratado de diferentes conceitos geográficos até então, um destes — o lugar — é o de maior relevância ao presente trabalho. É acerca da evolução de seu respectivo conceito que a próxima seção tratará.

2.2 Um Conceito em Evolução sob Duas Acepções

Os conceitos estão diretamente relacionados com a realidade, eles foram formulados para explicar fenômenos e situações que existem nesta. Em outras palavras, são formas de tentar olhar a realidade (TRINDADE, 2010; MOREIRA, 2004).

Em meios às tentativas de olhar a realidade, muitos conceitos de lugar foram surgindo e sendo moldados de acordo com a perspectiva geográfica do momento e também com a forma de ver de seus autores.

O termo lugar está vinculado à geografia não apenas como um conceito-chave desta, mas como um conceito amplamente discutido em duas de suas vertentes: na Geografia Humanística e na Geografia Crítica (SILVA; HESPANHOL, 2014; VIEIRA, 2007).

No senso comum é normal relacionar lugar com local, tratar ambos como sinônimos. Essa relação deve-se ao fato de que em suas definições mais simples e mais antigas, o lugar esteve relacionado à localização geográfica. Mais precisamente na época em que a confecção de mapas — cartografia — era um dos fundamentos da geografia, a ideia de local era utilizada para apontar onde está algo ou alguém. O lugar, por sua vez, em seu sentido locacional, era considerado pela geografia como expressão do espaço geográfico (BARTOLY, 2012; VIEIRA, 2007; HOLZER, 1999).

Entretanto, o lugar é um espaço que não se delimita ou se explica através de sua localização geográfica (VIEIRA, 2007).

Santos (1992, p. 6) afirma que não se deve confundir localização e lugar, pois “o lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E lugar é o objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar”.

2.2.1 O Lugar na Geografia Humanística

A associação entre lugar e local aos poucos foi ficando de lado e, com o passar dos anos, o conceito foi mudando e se tornando mais abrangente.

A Geografia Humanística, por exemplo, destaca-se por aprofundar o conceito de lugar, destituindo-o de conotações meramente locacionais. Esta corrente fez uso da fenomenologia e conseguiu inserir o lugar no cerne das discussões da geografia (HOLZER, 1999; BARTOLY, 2012).

De acordo com Holzer (1999, p. 70), "a preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos". O espaço passa de meramente locacional para espaço vivido, por meio da experiência do homem com o seu meio (PEREIRA, 2010).

Percebe-se, então, que na vertente humanística, ou fenomenológica, o lugar passa a ser compreendido mediante o espaço vivido e a experiência exercida pelos sujeitos no espaço (SILVA; HESPANHOL, 2014).

Ao morar em um lugar as pessoas desenvolvem laços afetivos por meio das relações e das experiências, cria-se uma afeição pelo meio que o circunda. "É assim que o mundo vivido toma forma, toma consistência e passa a dar mais significado à vida das pessoas e a tudo que elas fazem no espaço que se apropriaram" (PEREIRA, 2010, p. 2). Em outras palavras, "o grupo transforma seu espaço à sua imagem e a ele se adapta" (YÁZIGI, 2001, 36).

Na geografia humanística a identificação do mundo acontece por meio de seus significados e o lugar é pautado pela experiência humana. Nesta corrente destacam-se autores como Yi-Fu Tuan, Edward Relph, Anne Buttimer, Fred Lukermann, dentre outros (SILVA; HESPENHOL, 2014; BARTOLY, 2012).

De acordo com Mello (2011), os estudos humanísticos buscam distinguir e explorar o espaço e o lugar como categorias matriciais. Podemos observar essas considerações no discurso de autores humanísticos como Tuan e Relph.

Para Tuan (1983, p. 151), "o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significação". Ou seja, quando atribuímos significado ao espaço, nos familiarizamos com o mesmo, e ele passa então a ser um lugar.

Ainda, segundo Tuan (1983), as ideias de lugar e de espaço estão diretamente relacionadas, sendo impossível definir uma sem a outra.

Relph (1976), assim como Tuan (1983), ressalta a relação entre o espaço e o lugar afirmando que vê ambos como dialeticamente estruturados na experiência humana no ambiente, desde que o entendimento de espaço é relacionado aos lugares em que a pessoa habita, que, por sua vez, deriva do significado de seu contexto espacial.

É notória a presença dos termos lugar e espaço nos discursos apresentados, mas outros termos figuram no cerne da geografia humanística, pois ao falar de lugar estamos falando também de experiência, de espaço vivido, de identidade, do espaço transformado em lugar por meio dos significados que lhe foram atribuídos.

O lugar é fruto da experiência humana e do envolvimento com o mundo, a partir destes o sujeito constrói significados e cria sua identidade (SILVA; HESPANHOL, 2014).

2.2.2 O Lugar na Geografia Crítica

A outra vertente da geografia em que o lugar figurou no centro das discussões foi a Geografia Crítica. Nesta corrente o lugar apresenta uma relação entre o global e o local. Por um lado, o lugar é considerado fruto de uma dinâmica única, devido às características históricas e culturais inerentes ao seu processo de formação, e por outro uma expressão da globalidade (LEITE, 1998).

Com o desenvolvimento de meios de transferência — transporte, comunicações e transmissão de energia —, aumenta a movimentação de pessoas, objetos e capitais sobre os territórios, tudo fica mais fluído, a circulação é constante. É assim que a sociedade em rede surge, eliminando barreiras, possibilitando deslocamentos de um canto para outro, dando suporte às relações avançadas da produção e do mercado (MOREIRA, 2007).

A abordagem da geografia crítica encontra-se intimamente ligada a este contexto, onde o sistema capitalista de produção expande-se por meio de fluxos globais e atinge os mais distantes e remotos pontos da superfície do planeta (LEITE, 1998).

As discussões sobre o lugar nessa corrente compreendem os processos ocorridos a partir da globalização (SANTOS, 2010; SILVA; HESPANHOL, 2014).

De acordo com Moreira (2007), a globalização foi descoberta junto à rede. A palavra globalização, para Gomes (2000, p. 71), "expressa a ideia de uma economia unificada, de uma dinâmica cultural hegemônica, de uma sociedade que só pode ser compreendida como um processo de reprodução social global". Nas palavras de Santos (2000, p. 12), "a globalização é [...] o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista".

Em meio a esse contexto de produção, circulação, internacionalização, de mundialização capitalista, o lugar apresenta-se como participante desse processo. E, para Bartoly (2012), a especificidade do lugar está relacionada ao papel que ele representa em meio a essa dinâmica capitalista, uma vez que "o lugar é uma arrumação que produz o singular" (YÁZIGI, 2001, p. 38).

Segundo Carlos (2007), a globalização materializa-se no lugar, neste é possível ler, perceber e entender o mundo moderno em suas múltiplas dimensões. No lugar é onde se vive, onde o cotidiano se concretiza, é onde o mundial ganha expressão.

A globalização está presente nos lugares por meio da capacidade técnica e de comunicação que eles apresentam, por exemplo: quando a estrutura funcional de um lugar apresenta-se desenvolvida, "tem-se a impressão de que o mundo necessariamente passa pelo lugar, de que os fluxos globais não só atravessam-no, como estabelecem com ele uma relação dialética" (BARTOLY, 2012, p. 68). A impressão de que o mundo passa pelo lugar se deve ao avanço das comunicações, pois estas diminuem as distâncias e ampliam o fluxo de informações e, assim, o local estabelece progressivamente uma relação com o mundial (CARLOS, 2007).

No entanto, mesmo que a globalização tente impor uma única racionalidade ao mundo, o fato de parte da população de um determinado lugar fazer uso de um computador não significa que tudo está globalizado (YÁZIGI, 2001), pois com isso as pessoas não perdem suas origens, sua identidade, seu eu. Ou seja, mesmo exercendo influência sobre o lugar, o global não anula as especificidades do mesmo.

Segundo Carlos (2007), o lugar se dá em meio a uma articulação entre a mundial e o local, no entanto, "o mundial que existe no local, redefine seu conteúdo sem, todavia, anularem-se as particularidades" (CARLOS, 2007, p. 14).

Santos (2006) compartilha de ideias muito semelhantes às de Carlos (2007) e de Yázigi (2001) sobre a relação entre o global e o local no lugar. Fato que pode ser observado na seguinte consideração: "cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade" (SANTOS, 2006, p. 213).

Em resumo: "a afirmação da personalidade do lugar [...] se justifica como significativos referenciais para a vida cotidiana; como meio de vida e de sentimento de pertença que permitem resistir a diversos aspectos da globalização" (YÁZIGI, 2001, p. 44).

Esse cenário de globalização nos da impressão de que tudo está ao alcance da mão, que o mercado global é capaz de homogeneizar todo o planeta, mas na verdade, ele contribuiu para que as diferenças locais fossem aprofundadas, assim como no lugar (SANTOS, 2000).

Gomes (2000) sintetiza de forma plausível a questão da globalização bem como a homogeneização que seria resultante dela: "A tão decantada globalização parece concretamente não ter conseguido suprimir a diversidade espacial, talvez nem a tenha diminuído. Se hoje o capitalismo se ampara em uma economia mundial não quer dizer que haja uma homogeneidade resultante desta ação" (GOMES, 2000, p. 72). Ou seja, mesmo que o processo de globalização tenha "prometido" homogeneizar todos os espaços, esta homogeneização não aconteceu.

O lugar é um exemplo dessa não homogeneização, pois diante da promessa de homogeneização do espaço oferecida pelo capitalismo em nível mundial, o lugar mostrou-se resistente, resguardando sua essência, sua identidade e mais que isso, enaltecendo-as.

Observando o lugar nessas duas correntes geográficas e como conceito-chave, infere-se que: O lugar é o espaço vivido, onde as pessoas desenvolvem relações sociais e afetivas. É o espaço ao qual atribuímos significado e que faz parte de nosso cotidiano; que em meio à

mundialização resguarda sua identidade e se opõe as promessas de homogeneização dos espaços, prometida pela globalização.

2.3 O Lugar Estudado

Nesta seção, falar-se-á sobre uma das mais bem conceituadas Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil — a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) — e sobre um de seus *campi* — o Centro Acadêmico do Agreste (CAA), o centro organizacional que é o lugar objeto do TCC.

2.3.1 Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

As primeiras universidades foram criadas nos séculos XII e XIII, figurando entre as grandes realizações da Idade Média (PAULA, 2003). No entanto, a palavra "universidade", que tem sua origem no latim *universitas*, só passou a referenciar um grupo de professores e estudantes, provavelmente, no decorrer do século XIV (WANDERLEY, 2003).

Para Paula (2003), a universidade, desde seus primórdios, traz consigo uma diversidade de campos do saber. E, para Wanderley (2003, p. 11), a universidade é "um lugar [...] privilegiado para conhecer a cultura universal e as várias ciências, para criar e divulgar o saber". Infere-se, então, que a universidade é composta por uma diversidade de campos do saber e é também o lugar onde o saber é adquirido, criado e divulgado.

Um bom exemplo de grupo de professores e estudantes e também de lugar onde o saber pode ser adquirido, criado e divulgado é a UFPE, uma das melhores universidades do País.

Sob a denominação de Universidade do Recife (UR) e mediante o Decreto-Lei n. 9.388, de 20 de junho de 1946, a UFPE foi fundada, em 11 de agosto do mesmo ano, dando início à história da instituição, a qual foi a primeira do tipo nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

A UR reuniu seis Escolas Superiores existentes no momento: a Faculdade de Direito; a Escola de Engenharia; as Escolas de Farmácia e Odontologia; a Faculdade de Medicina; a Escola de Belas Artes de Pernambuco; e a Faculdade de Filosofia do Recife (MANUAL ACADÊMICO UFPE, 2015).

De acordo com o “Manual Acadêmico da UFPE” (2015), em 1965, a UR foi integrada ao grupo de instituições federais do novo sistema de educação do País, recebendo o nome de Universidade Federal de Pernambuco, autarquia educacional vinculada ao Ministério da Educação (MEC).

Desde então, a UFPE tem se destacado entre as instituições públicas de ensino superior do Brasil, também por sua interiorização, expansão física e crescimento científico. A instituição se destaca, naturalmente, em ensino, pesquisa e extensão (MANUAL ACADÊMICO UFPE, 2015). Estas três, por sua vez, são consideradas, por Paula (2006) e Wanderley (2003), como as finalidades básicas de uma universidade.

A UFPE é uma instituição social responsável pela formação de muitas pessoas que atuarão em distintos setores da sociedade, uma vez que, está intimamente relacionada à formação de profissionais, técnicos e intelectuais de nível superior, dos quais as sociedades tanto necessitam (WANDERLEY, 2003).

Para atender à demanda social, a instituição oferece, atualmente, um total de 101 cursos de graduação presenciais entre seus três *campi* — Recife, Caruaru (PE) e Vitória de Santo Antão (PE) —, 5 cursos de graduação na modalidade “à distância”, 131 cursos de pós-graduação *stricto sensu*, além de 58 cursos de pós-graduação *lato sensu* — especializações.

Seu quadro funcional congrega 50.896 pessoas, dentre professores, servidores técnico-administrativos e estudantes de graduação e pós-graduação (MANUAL ACADÊMICO UFPE, 2015).

Ainda, de acordo com o Manual Acadêmico da UFPE (2015), a instituição possui 10 centros acadêmicos, com a finalidade de auxiliar a desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão: o de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH); o de Educação (CE); o de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA); o de Ciências Jurídicas (CCJ); o de Ciências Exatas da Natureza (CCEN); o de Tecnologia e Geociências (CTG); o e Informática (CIn); o de Ciências Biológicas (CCB); o de Ciências da Saúde (CCS); e o de Artes e Comunicação (CAC).

Além dos centros acadêmicos, a UFPE dispõe de creche, casas dos estudantes masculina e feminina, órgãos suplementares, centro de convenções, restaurantes universitários, entre outros equipamentos de apoio. A instituição conseguiu expandir sua atuação nos últimos anos, graças ao apoio do Governo Federal, e possui hoje três *campi* — localizados no Recife, em Vitória de Santo Antão (PE) e em Caruaru (PE) (UFPE, 2016).

Dentre eles, o *campus* de Caruaru — que traz por homônimo "Centro Acadêmico do Agreste (CAA)" — é aquele relevante ao presente estudo, haja vista ser objeto de análise no TCC.

2.3.2 Centro Acadêmico do Agreste (CAA)

O Centro Acadêmico do Agreste (CAA) foi inaugurado em março de 2006, sendo o primeiro *campus* do processo de interiorização da UFPE, localizado no município de Caruaru, este, por sua vez, foi escolhido devido a sua relevância no contexto da região do Agreste. O CAA tem como objetivo contribuir com o desenvolvimento social, econômico e cultural do Estado; e veio de encontro a uma demanda por ensino gratuito e de alta qualidade existente na região, uma vez que a maior parte das instituições de ensino no local é privada (UFPE, *sine data*).

Inicialmente, o CAA funcionava no Polo Comercial de Caruaru e oferecia apenas cinco cursos de graduação, nas áreas de Administração, Economia, Engenharia Civil, Pedagogia e Design. Estes cursos estavam vinculados aos quatro núcleos existentes na época: Núcleo de Formação Docente, Núcleo de Gestão, Núcleo de Tecnologia e Núcleo de Design (UFPE, *sine data*).

Hoje, o Centro Acadêmico do Agreste conta com doze cursos de graduação: Design, Pedagogia, Física, Matemática, Química, Educação Intercultural, Engenharia Civil, Engenharia da Produção, Medicina e Comunicação Social. Conta também com outro núcleo, o Núcleo de Ciências da Vida (MANUAL ACADÊMICO UFPE, 2015).

O CAA encontra-se atualmente em sede definitiva, localizada na Rodovia BR-104 km 59 - Nova Caruaru, e além de cursos de graduação, também oferece cursos de pós-graduação (UFPE, *sine data*). O Centro Acadêmico do Agreste tem contribuído significativamente para o desenvolvimento da região, interiorizando conhecimento cientifico, suprindo a demanda

existente por profissionais qualificados e colaborando, consequentemente, para melhores condições de vida.

Um *campus* que reuni tantas pessoas e possui dez anos de história merece uma análise mais detalhada de sua identidade, das experiências vivenciadas no lugar, da sua essência, e é visando suprir tal demanda que este estudo foi desenvolvido.

Foto 1: Centro Acadêmico do Agreste (CAA)

Fonte: A autora (2016).

CAPÍTULO III

3 METODOLOGIA

Aqui, serão apresentados o método de pesquisa, os procedimentos metodológicos, o instrumento de coleta de dados e informações e o processamento dos mesmos.

3.1 Método

A pesquisa buscou conhecer o Centro Acadêmico do Agreste (CAA) como lugar, a partir da percepção que professores e técnicos têm acerca de tal organização. Compreender tal fenômeno necessita de uma abordagem que vai além do positivismo, o que caracteriza a pesquisa como qualitativa.

Segundo Richardson (2010), o método qualitativo distingue-se do método quantitativo, principalmente, por não utilizar instrumentos estatísticos ao analisar um problema. Apresentando-se mais adequado para entender um fenômeno social.

Para Minayo (2009), a pesquisa qualitativa é utilizada para lidar com uma realidade que não pode ou não deveria ser quantificada. Como exemplo, tem-se o universo dos significados, valores, atitudes e outros, vistos como fenômenos humanos.

Para conhecer a organização, a partir da categoria geográfica lugar, e observar o fenômeno, a pesquisa precisou de relatos de sujeitos que vivenciaram experiências nele.

Quando se deseja enfocar a experiência de vida das pessoas, o método de pesquisa fenomenológico se apresenta como o mais apropriado (MOREIRA, 2004). Logo, ele é o adotado aqui.

A utilização dele manifestou a premência de se conhecer mais o que é fenomenologia.

O termo “fenomenologia” deriva de duas palavras gregas, *phainomenon* e *logos*. A primeira, significa aquilo que se mostra a partir de si mesmo; a segunda, apresenta-se como ciência ou

estudo. Destarte, etimologicamente, fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno — entendido como aquilo que se manifesta como é, tudo o que aparece ou se revela por si mesmo (DARTIGUES, 1992; VERGARA, 2005; MOREIRA, 2004; SOKOLOWSKI, 2012).

Sokolowski (2012, p. 23) explica como acontece a manifestação de si mesmo:

> [...] o modo como as coisas aparecem é parte do ser das coisas; as coisas aparecem como elas são, e elas são como elas aparecem. As coisas não apenas existem; elas também manifestam a si mesmas como o que elas são.

Há indícios de que o primeiro texto no qual se encontrou a palavra "fenomenologia" foi o "Novo órganon" (1764), de Johann Heinrich Lamber (1728-1777) — matemático, astrônomo, físico e filósofo suíço-alemão. O título da obra em português é: "Fenomenologia ou aparência ilusória e suas variedades" (DARTIGUES, 1992; MOREIRA, 2004; BOAVA; MACEDO, 2011).

Outros filósofos, além de Lambert, fizeram uso do termo fenomenologia. No entanto, Edmund Husserl se destacou, por consagrar o uso do termo e criar uma nova escola filosófica. Ele também ficou conhecido, de forma unânime, como fundador da "fenomenologia" (BOAVA; MACEDO, 2011; MOREIRA, 2004).

Como movimento filosófico, a fenomenologia surgiu no século XX, com a obra "Investigações lógicas", de Husserl (1859-1938). Ela foi dividida em dois volumes: o primeiro, publicado em 1900; o segundo, em 1901 (MOREIRA, 2004; SOKOLOWSKI, 2012).

Para Embree (*apud* MOREIRA, 2004; *apud* BOAVA; MACEDO, 2011), tal movimento filosófico, desde o seu advento, apresenta um quadro de evoluções do conceito fenomenológico, classificado em cinco tendências:

Quadro 1: Evolução do conceito fenomenológico

Fenomenologia descritiva	Tendência que deriva da obra "Investigações lógicas", de Husserl. Por causa da sua abordagem reflexiva, evidencial e descritiva, tanto dos encontros como dos objetos encontrados, o começo da fenomenologia é, às vezes, chamado de "fenomenologia descritiva". A primeira fase da fenomenologia é como uma matriz às outras quatro subsequentes.

Continua na próxima página

Quadro 1: Evolução do conceito fenomenológico Continuação da página anterior

Fenomenologia realista	Busca as essências universais de vários tipos de assuntos. A tendência começou a florescer na Alemanha, na década de 1920, mas continua até hoje. Principais autores: Johanes Daubert, Adolf Reinch, Alexander Pfander, Herbert Spiegelberg, Karl Schuhmann, Barry Smith, Max Scheler, Edith Stein, Moritz Geiger e Roman Ingarden.
Fenomenologia constitutiva	Incorpora no escopo da fenomenologia a filosofia das ciências naturais. Tem como texto básico a obra de Husserl (1913): "Ideias relativas a uma fenomenologia pura e a uma filosofia fenomenológica". Apresenta reflexões sobre o método fenomenológico e o uso das reduções fenomenológica e eidética, visando suspender a aceitação do estado pré-dado da vida consciente como algo que existe no mundo. Principais autores: Alfred Schütz, Oskar Becker, Aron Gurwitch, Elisabeth Stroker, Gaston Berger, Jean Cavailles, Eugen Fink, Ludwig Landgrebe, Jitendra Mohanty, Thomas Seebohm e Robert Sokolowski.
Fenomenologia existencial	Desenvolve-se a partir da obra de Heidegger — "Ser e tempo" (1927). A tendência diz respeito a tópicos como: ação, conflito, desejo, finitude, opressão e morte. O movimento teve lugar principal na França. Principais nomes: Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Maurice Merleau-Ponty, Hannah Arendt, Emmanuel Levinas, Gabriel Marcel, Alexandre Kojeve, Dean Wahl, John Compton, Henry Michel, Natanson Maurice e Bernhard Waldenfels.
Fenomenologia hermenêutica	Também deriva da obra "Ser e Tempo" de Heidegger (1927), considerando que toda a existência humana é interpretativa. Somente é possível compreender o fenômeno como ele aparece dentro do contexto. A temática da tendência filosófica inclui todas as que já estavam nas fases anteriores, diferindo apenas na ênfase dada à hermenêutica, ou método de interpretação. Principais nomes: Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, Patrick Heelan, Graeme Nicholson, Joseph Kockelmans, Calvin Schrag, GiannaVattimo, Carlo Sini e Don Ihde.

Fonte: Adaptado de Moreira (2004) e Boava e Macedo (2011).

Dentre as tendências fenomenológicas, o TCC se identificou mais com a primeira — a fenomenologia descritiva —, que também é a base das demais. Assim, aqui, tentou-se produzir descrições fiéis dos discursos dos seus sujeitos, a fim de obter melhor qualidade de resultados.

Moreira (2004) apresenta diferentes métodos fenomenológicos de pesquisa. No entanto, dentre as abordagens existentes, optou-se pelo método fenomenológico de Sanders (1982), o método criado para a pesquisa organizacional, mostrando-se adequado ao TCC.

O modelo de Sanders (1982) apresenta três componentes fundamentais na estrutura fenomenológica desta pesquisa: o primeiro, refere-se aos limites da investigação; o segundo, à coleta de dados e informações; e o terceiro, à análise fenomenológica dos dados e informações (MOREIRA, 2004; SANDERS, 1982).

Observa-se, então, que o método apresentado contempla todo o processo da pesquisa, desde a limitação até à análise dos dados, e não apenas a análise como em alguns casos.

Os três componentes do método de Sanders (1982) são apresentados nos tópicos seguintes.

Os procedimentos metodológicos se referem aos limites da pesquisa; a coleta de dados e informações se encontra no tópico de instrumento de coleta de dados e informações; e o último, tem título de tópico associado a processamento de dados e informações.

3.2 Procedimentos Metodológicos

Aqui, apresentar-se-á os limites da pesquisa. Segundo Sanders (1982) os limites da pesquisa são “o que” e “quem” deve ser investigado.

Os assuntos que devem ser analisados fenomenologicamente são aqueles que não são quantificáveis (SANDERS, 1082). Aqui, por exemplo, buscou-se analisar o Centro Acadêmico do Agreste na perspectiva de lugar e, para tanto, utilizou como base a percepção de alguns sujeitos que trabalham e que vivenciaram experiências neste centro educacional.

Quanto aos sujeitos, Vergara (2004) os define como aqueles que fornecerão os dados e informações de que a pesquisa precisa.

De acordo com o setor de gestão de pessoas do CAA, no ano de inauguração do *campus* — 2006 — houve o ingresso de servidores — professores e técnicos — nos meses de março e abril e, também, nos meses de agosto, setembro e outubro. Aqueles que ingressaram em março e abril foram classificados, pela autora, como integrantes do ano/semestre 2006/1 e os que ingressaram entre agosto e outubro como do ano/semestre 2006/2.

Em 2006 ingressaram oito técnicos, sete em 2006/1 e um de 2006/2. Com relação aos professores, ingressaram trinta e cinco no total, sendo vinte e um do ano/semestre de 2006/1 e quatorze de 2006/2. Conforme o quadro 2.

Quadro 2: Servidores ingressantes em 2006

Servidores	2006/1	2006/2	Total de 2006
Professores	21	14	35
Técnicos	7	1	8

Fonte: A autora (2016).

Os sujeitos escolhidos foram os professores e técnicos ingressantes em 2006/1, já que eles foram os primeiros funcionários do CAA, permanecendo na organização por mais tempo que os demais. Considerou-se, desta forma, os servidores que trabalham na organização, de 2006/1 até 2016/1.

A pesquisa contemplou 5 técnicos e 5 professores, os quais foram entrevistados de acordo com sua acessibilidade e disponibilidade. Para Moreira (2004), a quantidade de participantes na pesquisa não é tão importante quanto a qualidade; o interessante é trabalhar em profundidade com uma pequena quantidade de participantes.

Os professores-alvo da pesquisa foram os vinculados aos cinco cursos existentes na inauguração do Centro: Administração, Design, Economia, Engenharia Civil e Pedagogia. Sendo entrevistados: um professor do curso de administração, um de design, um de economia e dois de pedagogia. Uma vez que os professores foram entrevistados de acordo com a acessibilidade e disponibilidade, por dificuldades de encontrar os professores de engenharia civil, nenhum professor deste curso foi entrevistado.

3.2.1 Instrumento para coleta de dados e informações

Após a definição do que será pesquisado e da identificação dos sujeitos da pesquisa, a próxima etapa, descrita aqui, é a coleta de dados e informações.

O instrumento utilizado para isso foi a entrevista semiestruturada, um dos principais recursos para se coletar tais subsídios no método fenomenológico (MOREIRA, 2004).

A entrevista estabelece uma relação entre pesquisador e entrevistado, na qual este descreve verbalmente suas experiências, que podem ser registradas em gravador ou por anotações (OLIVEIRA, 2011; MOREIRA, 2004).

As entrevistas podem ser estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas. Para a presente pesquisa, reitera-se, optou-se pela entrevista semiestrutura, que funciona como um meio termo entre as outras duas categorias. A entrevista semiestruturada permite que o pesquisador faça perguntas seguindo uma ordem predeterminada para as questões; e, ante as respectivas questões, o entrevistado dispõe de grande liberdade. Dependendo das respostas obtidas, o entrevistador pode fazer perguntas suplementares, a fim de captar outros dados e informações importantes (MOREIRA, 2004).

A entrevista semiestrutura, de modo geral, é composta por um roteiro de perguntas básicas, apoiadas em teorias (TRIVIÑOS, 2010) com a finalidade de atingir os objetivos da pesquisa.

O roteiro semiestruturado, utilizado na condução das entrevistas, foi composto por seis questões, conforme quadro 3:

Quadro 3: Roteiro de entrevista

1. Para o(a) sr(a)., quem são os principais personagens na construção da história do Centro Acadêmico do Agreste ?
2. O que o Centro Acadêmico do Agreste significa para o(a) sr(a).?
3. Ao pensar nos anos de existência do Centro Acadêmico do Agreste. Quais são suas principais lembranças?
4. Por qual motivo o(a) sr(a). escolheu trabalhar no Centro Acadêmico do Agreste?
5. Quais as razões para o(a) sr(a). ter permanecido no Centro Acadêmico do Agreste ao longo dos anos?
6. De que o(a) sr(a). mais gosta e de que não gosta no Centro Acadêmico do Agreste?

Fonte: A autora (2016).

A coleta de dados e informações foi realizada do dia 6 a 15 de junho de 2016, no CAA/UFPE, nas salas dos entrevistados, nos períodos da manhã, tarde e noite, conforme a disponibilidade dos sujeitos. As entrevistas foram gravadas, com o consentimento deles, e transcritas, posteriormente.

Após coletar os dados e informações, o próximo passo foi analisar o que se obteve. As etapas que nortearam o processo se encontram expostos na próxima seção.

3.2.2 Processamento de dados e informações

Segundo Sanders (1982), a análise fenomenológica dos dados e informações acontece nas seguintes etapas:

Primeira: Realizar-se-á a descrição do fenômeno, tal como revelado nas transcrições das entrevistas.

Segunda: Identificar-se-á os temas, ou invariantes, que emergem das descrições — sendo os temas os elementos comuns que aparecem nas descrições.

Terceira: Juntar-se-ão os temas em conjuntos de essências que caracterizam a estrutura do fenômeno.

De forma simples, após as entrevistas haverá a descrição do fenômeno, conforme os discursos dos participantes e, depois, identificar-se-ão e agrupar-se-ão os temas em conjuntos de essências.

É importante, ainda, que todo o processo de análise de dados seja realizado por meio da redução fenomenológica ou *epoqué*, que é um método básico da investigação fenomenológica. "A *epoqué* permite ao fenomenólogo uma descrição do dado em toda sua pureza" (TRIVIÑOS, 2010, p. 44), mas é preciso que o pesquisador suspenda e coloque entre parênteses as crenças e proposições sobre o mundo natural, e que se abstraia de pressuposições e ideias preexistentes sobre o fenômeno (TRIVIÑOS, 2010; MOREIRA, 2004).

Os resultados obtidos, a partir das etapas, encontram-se detalhados no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos em cada uma das etapas que constituem a análise dos dados, bem como a discussão dos resultados encontrados.

4.1 Análise fenomenológica dos dados e informações

Reitera-se, aqui, as etapas do método de Sanders (1982), que nortearam a análise dos dados e informações:

4.1.1 Descrição

A primeira etapa consiste na descrição do fenômeno tal como apresentado na transcrição das entrevistas (SANDERS, 1982).

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. A transcrição seguiu fielmente o relato dos entrevistados, conforme orientação de Sanders (1982). Para que a identidade dos entrevistados fosse preservada, adotou-se uma identificação por códigos: os técnicos foram representados pela letra T e os professores pela letra P, estas letras seguem acompanhadas por um número que representa a ordem que as entrevistas aconteceram. Por exemplo: o segundo técnico entrevistado foi identificado por T2. Além disso, informações que pudessem identificar os entrevistados foram omitidas.

Para Sanders, “as narrativas transcritas identificam e descrevem as qualidades da experiência e consciência humanas que dão à pessoa sendo estudada a sua identidade própria” (SANDERS, 1982, p. 357).

Para alcançar os objetivos específicos da pesquisa e consequentemente o objetivo geral foram desenvolvidas algumas questões que precisaram ser respondidas, então agrupou-se cada questão ao seu respectivo objetivo:

Quadro 4: Objetivos específicos e suas respectivas questões

Objetivos específicos	Questões
Objetivo específico I: Conhecer a personalidade do CAA/UFPE;	1. Para o(a) sr(a)., quem são os principais personagens na construção da história do Centro Acadêmico do Agreste?
	2. O que o Centro Acadêmico do Agreste significa para o(a) sr(a).?
	3. Ao pensar nos anos de existência do Centro Acadêmico do Agreste. Quais são suas principais lembranças?
Objetivo específico II: Conhecer as razões que levaram os professores e técnicos a escolherem o — e se manterem no — CAA/UFPE como lugar de trabalho;	4. Por qual motivo o(a) sr(a). escolheu trabalhar no Centro Acadêmico do Agreste?
	5. Quais as razões para o(a) sr(a). ter permanecido no Centro Acadêmico do Agreste ao longo dos anos?
Objetivo específico III: Conhecer As características — positivas e/ou negativas — do CAA/UFPE para os sujeitos que nele trabalham.	6. De que o(a) sr(a). mais gosta e de que não gosta no Centro Acadêmico do Agreste?

Legenda: CAA/UFPE: Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco.
Fonte: A autora (2016).

Em seguida, para cada questão foram elencadas todas as suas respostas, que passaram por inúmeras leituras até que se chegasse a citações dotadas de significado e relacionadas a pergunta proposta.

A partir das descrições foi possível identificar temas em cada relato individual e uma tabela foi criada com os temas que emergiram e o código do entrevistado que o abordou, identificando desta forma elementos comuns nas descrições.

A primeira questão encontra-se exemplificada aqui, para uma melhor compreensão, as demais se encontram no Apêndice A.

1. Para o(a) sr(a)., quem são os principais personagens na construção da história do Centro Acadêmico do Agreste?

Quadro 5: Identificação de temas

Entrevistados	Relatos	Temas
T1	Quem idealizou o *campus*, inicialmente. Tem a questão da participação governamental, porque, também, sem a participação governamental não há orçamento, não há a previsão para que isso exista; a sociedade civil, também, ela faz parte dessa construção, dessa realização. Aqui, mais localmente, CAA: professores, estudantes e técnicos, né? [T1]	• Idealizadores • Governo • Sociedade civil • Professores • Estudantes • Técnicos

Continuação na próxima página

Quadro 5: Identificação de temas Continuação da página anterior

Entrevistados	Relatos	Temas
T2	Começou com o envolvimento muito forte do reitor [...] o diretor do *campus* que fez um grande esforço pra colocar o *campus* em funcionamento [...] algo que eu achei muito marcante é que nós tivemos o grupo que tomou posse, dos técnicos, na época, salvo engano, foram 16 ou 18 e o grupo de docentes que tomou posse, também, na época [...] acho que isso foi muito importante pra gente, pra gente poder arregaçar as mangas e caminhar. [T2]	• Reitor • Primeiro grupo de técnicos • Primeiro grupo de docentes
T3	É uma relação conjunta, inicialmente, enquanto da ideia, da concepção, a partir de presidente, reitor, governador, os políticos de forma geral, mas a construção em si dessa história se deve a professores, técnicos e os alunos também. [T3]	• Presidente • Reitor • Governador • Políticos • Professores, Técnicos • Alunos
T4	Eu acho que tem a primeira turma que entrou, tanto de técnicos, quanto de docentes, como os alunos, né, e foram fundamentais pra o desenvolvimento do *campus*, [...] ele começa a ganhar características de lugar a partir dessas pessoas, então as pessoas foram fundamentais pra construção desse lugar, do CAA, do que ele é, desse espaço. [...] um diretor da época, o vice-diretor, acho que são duas figuras bem importantes. [T4]	• Primeiro grupo de técnicos e de docentes • Alunos • Diretor • Vice-diretor
T5	Ah, os estudantes, os professores e os técnicos, né. Os servidores que são professores e técnicos administrativos e os discentes, né [...] não acontece o ensino, nem a pesquisa, nem a extensão se não existirem os três. [T5]	• Estudante • Professores • Técnicos
P1	Ah, são as pessoas que circulam aqui, né, os estudantes, os professores e a parte administrativa, os técnicos administrativos, porque o lugar sem as pessoas não anda, né? As pessoas é que fazem o Centro. [P1]	• Estudantes • Professores • Técnicos
P2	Olhe, é os alunos, professor, né? Os alunos, professores e os funcionários. Os principais personagens, eu acho assim, é o aluno, porque a universidade tem que ter aluno, se não tiver aluno, num tem universidade, né. É o aluno, depois tem que ter os professores e os funcionários. [P2]	• Alunos • Professores • Funcionários
P3	Eu acho que os principais personagens são todos aqueles que no início estavam aqui e que de alguma maneira continuam presentes, né [...] para mim, aqueles que estivam desde o início e se envolveram nas várias ações da universidade para que o CAA desse certo, esses pra mim, são os principais sujeitos ou personagens dessa história do centro. Então as pessoas mais importantes, eu acho, que são professores, técnicos que, também, tiveram um grande envolvimento pra que isso daqui desse certo e, também, os estudantes. [P3]	• Professores • Técnicos • Estudantes

Continuação na próxima página

Quadro 5: Identificação de temas Continuação da página anterior

Entrevistados	Relatos	Temas
P4	Os principais personagens, do meu ponto de vista, são aqueles que decidiram, inicialmente, por interiorizar a universidade pública, né. Então eu penso que estes são os principais atores da construção dessa história, então a gente tem uma política nacional que pensou, né, e um gestor que pode pensar essa perspectiva, mais especificamente num âmbito local. [...] A gente não pode negar os seus primeiros gestores que tiveram a coragem de se desafiar. [...], penso que todos eles assumem um lugar, por tanto, histórico de se voltar para estas lutas da interiorização da universidade pública. [P4]	• Idealizadores • Política nacional • Gestor • Primeiros gestores
P5	Eu acho que se você dividir em termos de professores, técnicos e alunos, eu acho que cada um tem a sua parcela de responsabilidade aqui, né? [...] acho que o que o CAA é hoje depende dessas três categorias, então é professor, técnico e os alunos. [P5]	• Professores • Técnicos • Alunos

Legenda: CAA: Centro Acadêmico do Agreste.
P: Professor; e T: Técnico.
Fonte: A autora (2016).

A primeira coluna apresenta o código de cada entrevistado. A segunda, apresenta a descrição do fenômeno, de acordo com os relatos de cada indivíduo. E a última, os temas encontrados nos relatos — estes percebidos a partir da análise daquilo essencial ao fenômeno.

Nos relatos apareceram termos que se referiam às mesmas pessoas. Então, optou-se por uma padronização. Professores e docentes foram agrupados em “professores”; estudantes, alunos e discentes, em “estudantes”. Logo, emergiram 16 temas — observados no quadro 6 —, assim como suas recorrências.

Quadro 6: Temas emergentes e suas recorrências

Temas	Entrevistados
Idealizadores	T1-P4
Governo	T1-T3
Sociedade Civil	T1
Professores	T1-T3-T5-P1-P2-P3-P5
Estudantes	T1-T3-T4-T5-P1-P2-P3-P5
Técnicos	T1-T3-T5-P1-P3-P5
Reitor	T2-T3
1º grupo de professores	T2-T4
1º grupo de técnicos	T2-T4
Presidente	T3
Políticos	T3
Diretor	T4-P4
Vice-diretor	T4
Funcionários	P2
Política nacional	P4
Primeiros diretores	P4

Legenda: P: Professor; e T: Técnico.
Fonte: A autora (2016).

Dos 16 temas, percebe-se que 3 — professores, técnicos e estudantes — são mais mencionados pelos entrevistados. Assim, os relatos demonstraram que, para muitos entrevistados, os principais responsáveis pela construção da história do CAA/UFPE foram professores, técnicos e estudantes.

Dentre os temas que emergiram, buscou-se identificar aqueles com maior centralidade e importância; não os mais frequentes — embora, algumas vezes, os mais importantes também sejam os maios frequentes.

Os temas mais importantes identificados ao longo da análise encontram-se descritos na próxima etapa do método fenomenológico.

4.1.2 Identificação de temas ou invariantes

A segunda etapa do método de Sanders (1983) consiste na identificação dos temas ou variantes que emergem das descrições. Os temas aludem a elementos comuns, que aparecem dentro das descrições e entre elas. O tema é identificado por sua importância e sua centralidade e não pela frequência que ocorre.

Muitos temas surgiram através dos relatos, como foi possível observar na etapa anterior. Optou-se, então, por reduzir esses temas àqueles que são essenciais ao fenômeno, deixando apenas os que foram percebidos como indispensáveis.

Cada entrevistado pode revelar mais de um tema relacionado ao fenômeno, mas acaba dando uma ênfase maior a algum deles, seja no relato, no tom da voz, nas expressões; e todos esses aspectos foram pesados para se chegar ao que realmente é essencial. Adotou-se ainda o uso da *epoqué*, para que as crenças da pesquisadora não influenciassem na análise.

Assim, a partir das descrições e análise fenomenológica, evidenciou-se a existência de 88 temas; 25 considerados de maior importância e centralidade. Entre os temas mais relevantes foi possível ainda fazer agrupações chegando a 14 unidades temáticas.

Cabe ressaltar que as análises de todas as descrições assim como os temas que surgiram em cada questão encontram-se no Apêndice A, e que aqui apresenta-se a síntese das unidades temáticas emergentes.

As unidades temáticas foram:

- Tríade: professor – técnico – estudante
- Realização pessoal e profissional
- Espaço de formação
- Sentimento de participação na construção do CAA
- Dificuldades e críticas iniciais
- Estabilidade e comodidade
- Possibilidade de contribuição e atuação na região
- Realização de atividades acadêmicas
- Relação com estudantes e demais pessoas
- Aspectos do ambiente: localização e paisagem
- Desigualdade entre professores e técnicos
- Falta de oportunidade de contribuição dos técnicos
- Necessidade de melhoria na carreira dos técnicos
- Decisões não compartilhadas

Todos os temas mencionados surgiram na análise do CAA/UFPE como lugar. Compreender melhor suas seleções requer se observar o Apêndice A.

4.1.3 Conjunto de essências

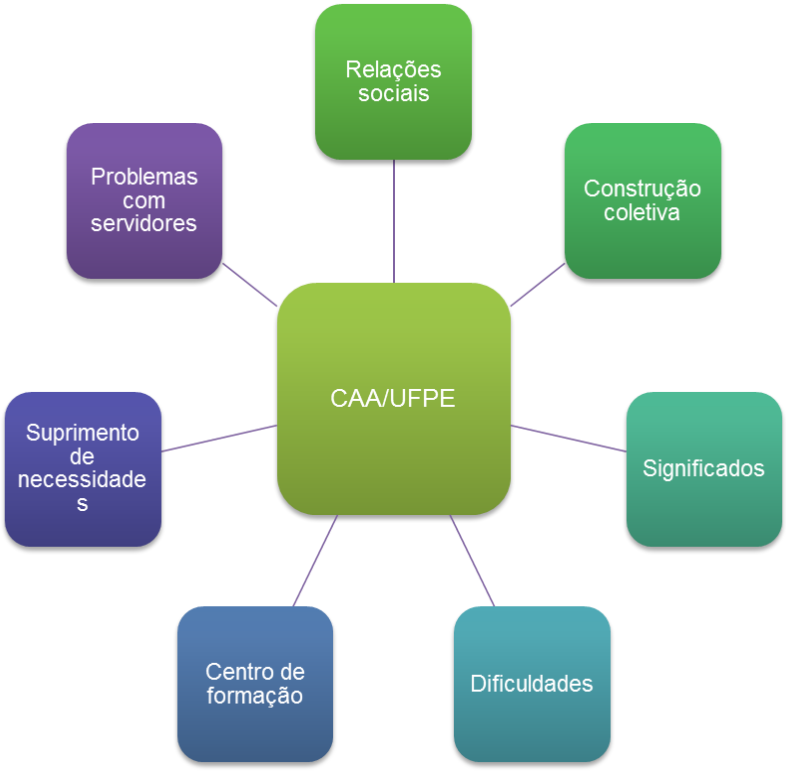
A terceira etapa do método consiste na junção dos temas em conjuntos de essências, caracterizando a estrutura do fenômeno.

A essência consiste na maneira de aparecer de cada fenômeno, é a característica sem a qual o fenômeno não é mais o mesmo (MOREIRA, 2004).

Após a junção dos temas em conjuntos de essências, observa-se sete essências inerentes ao CAA/UFPE:

- Relações sociais
- Construção coletiva
- Significados
- Dificuldades
- Centro de formação
- Suprimento de necessidades
- Problemas com os servidores

Gráfico 1: Essências do CAA



Legenda: CAA: Centro Acadêmico do Agreste.
Fonte: A autora (2016).

À medida que os temas foram reduzidos e aspectos superficiais foram eliminados, chegou-se a um ponto que mais nada poderia ser retirado e que a remoção de um desses elementos tornaria o fenômeno incompleto. Chegou-se, então, à essência do fenômeno; à essência do CAA/UFPE, visto como lugar, de acordo com a percepção dos professores e técnicos que trabalham na instituição há dez anos:

- ✓ Pensar o CAA sem suas relações sociais, que se manifestam em diversas instâncias e que aparecem como aquilo que mais agrada seus integrantes...
- ✓ Pensar o CAA sem sua construção coletiva, na qual muitas pessoas se envolveram desde o início e que se sentem felizes por ter dado alguma contribuição e ter participado dessa história...
- ✓ Pensar o CAA sem os significados que cada pessoa atribui do mesmo, seja de realização, de felicidade, de luta...
- ✓ Pensar o CAA sem as dificuldades enfrentadas em sua fase inicial, no Polo Comercial...
- ✓ Pensar o CAA sem o seu propósito de formação de estudantes...
- ✓ Pensar o CAA sem suprir as necessidades de seus servidores, seja de estabilidade, contribuição, atuação...
- ✓ Pensar o CAA sem problemas com seus servidores, onde sempre existe algo a ser melhorado...

Sem dúvidas, pensar no CAA/UFPE, sem qualquer uma dessas coisas, é pensar em outra organização. E, por tal razão, elas são as essências do lugar.

4.2 Discussão dos Resultados

O objetivo específico I foi conhecer a personalidade do CAA/UFPE. Para atender ao objetivo, buscou-se conhecer os principais sujeitos do CAA, os significados que o centro organizacional tem para seus integrantes e as lembranças existentes no CAA.

Conclui-se que a personalidade do CAA foi criada por professores, técnicos e estudantes, e também por aqueles que se envolveram com a história do mesmo desde o início; que o CAA é enxergado por seus servidores como um lugar de trabalho que lhes permite realização pessoal e profissional, e onde eles sentem-se participantes do processo de construção do mesmo, estes enxergam ainda o CAA como ator fundamental na formação de seus estudantes.

Os significados existentes no lugar, assim como os sujeitos que fazem parte dele são mencionados por Tuan (1983).

As lembranças também têm parcela de contribuição na personalidade do CAA. Os entrevistados relataram diversas lembranças de momentos felizes e também de dificuldades e críticas enfrentadas, sobretudo na fase inicial do *campus* quando este estava localizado no Polo comercial.

Em síntese, o CAA é marcado pelas dificuldades enfrentadas no início de sua história, tem como principais personagens aqueles que se envolveram com seu projeto inicial, além da tríade — professor, técnico e aluno — fundamental na realização dos objetivos da instituição. O CAA significa, ainda, para seus sujeitos um espaço de realizações pessoais e profissionais, um centro de formação e um espaço do qual fazem parte da construção.

Todos estes fatores em conjunto fazem parte da personalidade do CAA. Saber destas informações permite ao gestor criar mecanismos de reconhecimento para aqueles que foram e são fundamentais na história da instituição; mostrar a superação das dificuldades e o quanto a instituição cresceu; e fortalecer a relação que os servidores tem com a organização com base na forma que estes a enxergam, seja como um lugar de realização pessoal ou profissional.

O objetivo específico II foi conhecer as razões que levaram os professores e técnicos a escolherem o — e se manterem no — CAA/UFPE como lugar de trabalho.

Quando os indivíduos chegam a um espaço, ainda não há significados criados com o mesmo, então é comum que haja a busca por satisfazer necessidades, a pausa no movimento definida por Tuan (1983). As necessidades que levaram os técnicos a escolher o CAA como lugar de trabalho recaíram sobre a comodidade, a possibilidade de trabalhar no lugar — município — que em mora, e a estabilidade do serviço público.

Observou-se que os motivos de escolha entre técnicos e professores eram divergentes. Os professores, por sua vez, escolheram o CAA porque enxergaram na instituição a possibilidade de contribuir com o ensino na região Nordeste, por ter apreço pela mesma e ver no concurso para o CAA a possibilidade de trazer contribuições para a população do local.

Pode-se afirmar que o motivo de escolha apresenta-se como uma expectativa daquilo que a instituição pode oferecer aos seus funcionários. Conhecer o motivo da permanência dos entrevistados ao longo dos dez anos mostra se as expectativas foram alcançadas e também os

valores que foram criados ali, já que o CAA não é mais aquele espaço inicial e sim um lugar dotado de significados para aqueles que desempenham, ou desempenharam, ações no mesmo.

Entre as razões de permanência dos entrevistados no Centro Acadêmico do Agreste, a estabilidade e a realização de atividades acadêmicas reapareceram, contudo, os professores permaneceram na instituição pela satisfação de realizar aquilo que queriam no início, já os técnicos mesmo alcançando a estabilidade desejada, alguns, não estão satisfeitos com a situação que estão, pois querem algo mais.

Um exemplo é o relato de T1:

> "É mais a questão de estabilidade mesmo, entendeu? Assim, não vou dizer a você que de repente não dá vontade de ir para outros espaços, fazer novas experiências, [...] às vezes, me vem esse desejo de ir pra uma outra instituição, outra perspectiva de trabalho, novos desafios, porque aqui a coisa é muito demarcada. [...] por exemplo, eu já vinha, assim, bastante insatisfeita de tá realizando a mesma coisa a dez anos, eu queria mudança, eu queria novos desafios, [...] uma nova perspectiva de trabalho [...] é mais estimulante, do que passar a vida inteira estagnada num local, mas o que de fato me fez permanecer aqui, não foi uma identificação com a instituição, por exemplo, foi mais a questão, realmente, de uma estabilidade financeira".

Percebe-se então que T1 sente vontade de ir para outros espaços e ter novas experiências, pois passar dez anos exercendo a mesma atividade e ficar estagnada no mesmo lugar são fatores que contribuem para a insatisfação em relação ao trabalho. T1 revelou, ainda, que o fato de estar no CAA todo esse tempo não tem haver com uma identificação e sim pela estabilidade mesmo.

Observa-se então que a estabilidade por si só embora tenha contribuído para que algumas pessoas permaneçam na instituição, não constitui motivo suficiente para satisfação no trabalho, principalmente se o indivíduo fica preso a mesma atividade por muito tempo.

Se cruzarmos os motivos de escolha e permanência, temos que os técnicos ingressaram por estabilidade e comodidade, e que permaneceram no CAA pela mesma razão, no entanto, alguns demonstram insatisfação com o trabalho realizado, vontade de fazer coisas diferentes, falta de identificação com a instituição, Quanto aos professores, eles ingressaram pela oportunidade e possibilidade de contribuição com o ensino na região, e permaneceram no

Centro, também pelas mesmas razões, no entanto, estão realizados pelas coisas que fizeram e construíram com o passar dos anos.

As informações servem para que no âmbito organizacional avaliem-se os fatores pelos quais seus servidores encontram-se na organização, e se estes estão satisfeitos ou insatisfeitos com as atividades desempenhadas, se eles estão alcançando seus objetivos individuais, pois é preciso que as pessoas também atinjam seus objetivos e não apenas as organizações. Pode-se utilizar, ainda, como exemplo aqueles servidores que se encontram satisfeitos, identificar as razões de sua satisfação e avaliar em termos comparativos o que pode ser feito para que outros servidores também atinjam níveis de satisfação.

O objetivo específico III foi conhecer as características — positivas e/ou negativas — do CAA/UFPE para os sujeitos que nele trabalham. Para alcançar este objetivo questionou-se do que os servidores gostavam e de que não gostavam na organização.

Quanto às características positivas existentes no CAA, ou seja, aquilo de que os entrevistados gostam, destaca-se as relações com as pessoas, em especial com os estudantes, além de aspectos relacionados à localização e a paisagem. Em resumo, as características positivas do CAA referem-se aos aspectos humanos e relacionados ao ambiente.

As características negativas apresentam-se em nível pessoal e também institucional. Os componentes mais críticos descritos se encontram em nível organizacional, e podem ser consideradas como problemas, sobretudo levando em conta os servidores técnicos, que não tem oportunidade de contribuir, que reclamam da rotina nas atividades desempenhadas, do sistema de remuneração, da falta de reconhecimento, da necessidade de horários estabelecidos de forma melhor, da desigualdade existente entre professores e técnicos e do sistema centralizador de tomada de decisão.

Constata-se insatisfação em muitos aspectos relacionado a carreira dos técnicos, possibilitando que ações sejam tomadas a respeito, por parte da gestão. Existe a possibilidade de ouvir os servidores, ver as situações mais críticas e traçar soluções ou medidas que minimizem as características negativas existentes.

Ao fim dos objetivos específicos é possível inferir que a abordagem de uma organização como lugar pode sim, trazer contribuições para as organizações, pois essa perspectiva permite uma gama de informações valiosas para administrar a relação entre a organização e seu capital humano, permite saber como os servidores enxergam a instituição; conhecer suas necessidades; identificar problemas; saber o que a organização significa para eles, assim como conhecer as razões que os mantém na instituição.

Conhecer essa dimensão mais subjetiva é indispensável para as organizações, pois o comportamento humano é imprescindível para seu desempenho. Através da percepção dos sujeitos do lugar foi possível identificar se estes estavam satisfeitos ou não com seu trabalho, e o que eles gostam ou não na instituição. E a posse de tais informações fornece subsídios para que a organização planeje e implemente mudanças em seu ambiente, a fim de corrigir problemas e/ou reforçar o que há de positivo, e assim manter seu capital humano em atividade e satisfeito.

Deve-se levar em consideração não apenas o que aparece como problema; os aspectos positivos também devem ser monitorados e fortalecidos, como as relações sociais e a identificação com a história da organização.

Infere-se, então, que conhecer uma organização sob a perspectiva de lugar, a partir da percepção dos sujeitos que nele trabalham, fornece sim contribuições gerenciais, atendendo ao objetivo geral da pesquisa.

CAPÍTULO V

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordagens novas têm sido propostas para gerenciar melhor os capitais organizacionais; estudos e pesquisas também têm sido realizados nessa perspectiva. No entanto, o conceito de lugar, que remete ao espaço vivenciado de modo mais íntimo pelos sujeitos, e que se apresenta promissor para estudos organizacionais, encontra-se ainda pouco explorado.

A situação norteou a pergunta de pesquisa do TCC:

A análise da organização — como um "lugar" — pode trazer contribuições à sua gestão?

Alinhado a tal, o objetivo geral da pesquisa foi:

Identificar contribuições gerenciais para uma organização — entendida como um "lugar" — , a partir da percepção dos sujeitos que nela trabalham.

O objetivo geral foi atendido, à medida que os específicos também o foram. Concluiu-se que a abordagem da organização como lugar pode, sim, trazer contribuições gerenciais, haja vista muitas informações terem sido obtidas por meio desta.

A percepção dos professores e técnicos permitiu identificar o que o Centro Acadêmico do Agreste/Universidade Federal de Pernambuco (CAA/UFPE) significa para seus servidores e como eles se sentem em relação ao mesmo. As constatações permitem, por sua vez, entender a relação entre servidor e organização, e possibilitam que ações de reconhecimento sejam desenvolvidas.

A análise do CAA/UFPE criou oportunidades para se conhecer o motivo pelo qual os servidores permaneceram dez anos na instituição — suas necessidades. Foi possível, ainda, identificar problemas inerentes à carreira e ao tratamento dos servidores técnicos.

Na dimensão de escolha e permanência, foi possível observar os fatores que contribuíram para que alguns servidores permanecessem satisfeitos na organização, e porque outros estivessem insatisfeitos com a situação em que se encontravam, e, assim, fornecer informações para sanar os aspectos de insatisfação apresentados, promovendo mudanças no ambiente de trabalho e abrindo novas oportunidades.

Os problemas identificados em nível de carreira, de reconhecimento e de participação — sobretudo, em relação aos técnicos —, fornecem respaldo para que ações sejam realizadas, como: a disponibilização e incentivo da participação de técnicos e professores na tomada de decisão; a abertura de oportunidade para que os técnicos possam ter voz e dar sugestões de melhorias na organização; reconhecer os servidores; modificar o estatuto da organização para abrir possibilidades aos técnicos em cargos de diretoria e reitoria; promover ajustes de horários e salários, entre outras ações que possam minimizar ou eliminar os problemas apresentados.

A pesquisa mostrou ainda que as relações sociais são muito importantes na instituição e que seus servidores se sentem participantes da construção da história do CAA/UFPE. Muitas lembranças da fase inicial da organização também apareceram nos relatos, em especial sobre as dificuldades enfrentadas, quando o Centro estava instalado no Polo Comercial. Esses aspectos não devem ser esquecidos. É preciso que eles sejam lembrados, em termos comparativos com as suas superações; e que as boas relações sociais sejam cada vez mais incentivadas e fortalecidas.

As informações encontradas ao se abordar a organização sob a perspectiva de lugar fornecem subsídios à realização de planejamentos e implementações de mudanças no ambiente organizacional, visando resolver problemas e/ou fortalecer os aspectos positivos existentes nela.

A pesquisa permitiu entender melhor a realidade vivenciada por professores e técnicos, conhecer suas demandas, suas frustrações, suas alegrias, suas expectativas, sua história. Os entrevistados gostaram de falar do lugar e até se empolgarem com as histórias, falaram das questões da pesquisa e também de sua vida pessoal.

As entrevistas foram muito agradáveis e enriquecedoras, permitindo conhecer o lugar de estudo, conhecer as pessoas que trabalham nele e perceber o quanto alguns servidores realmente gostam do CAA/UFPE. Os significados e sentimentos observados na parte teórica do estudo puderam ser constatados com a realização da pesquisa, através das expressões, dos exemplos e das histórias contadas.

O lugar é um conceito com potencial para ser mais explorado no âmbito organizacional. Aspectos de insatisfação, por exemplo, foram demonstrados claramente ao falarem do lugar, o que muitas vezes não o é quando da aplicação de um questionário sobre satisfação no trabalho.

As organizações podem e devem ser mais estudadas como um lugar, tanto com intuito de trazer contribuições à sua gerência, como para enriquecer a área da pesquisa científica.

5.1 Recomendações

O estudo não contemplou professores do curso de engenharia civil, o que pode ser considerado como uma limitação, pois com a ausência dessa parcela de docentes, a identificação da personalidade e dos significados do CAA pode ficar comprometida, já que cada curso tem uma contribuição imprescindível na construção deste lugar. Recomenda-se, assim, que em outros estudos busque-se comtemplar todos os sujeitos indispensáveis para a descrição do lugar.

Recomenda-se que outras pesquisas sejam realizadas em organizações semelhantes e em diferentes, contribuindo para que mais trabalhos possam ser desenvolvidos nessa perspectiva. Em termos comparativos, em partículas, recomenda-se que outras universidades e, também, faculdades sejam estudadas.

Recomenda-se, sobremaneira, que uma variedade maior de sujeitos seja abordada, além de professores e técnicos; e que tempos de carreiras maiores e menores sejam considerados.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. SP: Papirus, 2012.

BARRETO, A. L.; FILGUEIRAS, C. A. L. Origens da universidade brasileira. **Química Nova**, v. 30, n. 7, p. 1780-1790, 2007.

BARTOLY, F. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, v. 13, n. 26, p. 66-91, 2012.

BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE. BR (FGV)**, v. 9, p. 469-487, 2011.

CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. *In*: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. **Anais...** Portugal, 16-18 set. 2004.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTROGIOVANNI, A. C. Lugar, no-lugar y entre-lugar: los ángulos del espacio turístico. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 16, p. 5-25, 2007.

COELHO, M. A., TERRA, L. **Geografia geral**: o espaço natural e socioeconômico. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. *In*: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** 3.ed. São Paulo: Moraes. 1992.

GOMES, P. C. da C. O conceito de região e sua discussão. *In*: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, a. 4, n. 7, p. 67-78, 1999.

LALUCCI, E. M. S. **Humanizar organizações**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2006.

LEITE, A. F. O lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 21, p. 9-20, 1998.

LOPES, J. G. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 23-30, 2012.

MANUAL ACADÊMICO UFPE, 2015. Disponível em: <https://www.ufpe.br/proacad/images/DGA_PROACAD/manual_academico_2015_atualizada.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2015.

MELLO, J. B. F. de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. **Acta Geográfica (UFRR)**, v. 5, n. 9, p. 07-14, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOCELLIM, A. Lugares, Não-Lugares, Lugares Virtuais. **Em Tese**, v. 6, n. 3, p. 77-101, 2009.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **Etc..., Espaço, Tempo e Crítica**, n. 1(3), vol. 1, 2007.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PAULA, M. de F. de. A perda da identidade e da autonomia da universidade brasileira no contexto do neoliberalismo. **Avaliação (UNICAMP)**, v. 8, n. 4, 2003.

PEREIRA, E. O. A geografia fenomenológica: um olhar sobre a percepção ambiental dos povos ribeirinhos do rio Formate a partir da sua história oral e dos seus mapas mentais. *In*: XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 25-31 jul. 2010.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional**. 11. ed. São Paulo: Prentice Hall Press, 2009.

SANDERS, P. Phenomenology: a new way of viewing organizational research. **Academy of Management Review**, v. 7, n. 3, p. 353-360, 1982.

SANTOS, L. P. dos. **O estudo do lugar no ensino de geografia**: os espaços cotidianos na geografia escolar. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro (SP), 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____ . **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1992.

_____ . **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 2000.

SANTOS, M. *et alii*. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SILVA, C. L. O.; SARAIVA, L. A. S. Lugares, discursos e subjetividades nas organizações: o caso de uma prisão. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 11, n. 3, p. 383-401, 2013.

SILVA, J. M.; HESPANHOL, R. A. de M. As comunidades rurais do município de Catalão (GO): lugar de vida e de trabalho. *In*: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos: a AGB e a geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos, 2014, Vitória (ES). **Anais do VII CBG**, 10-16 ago. 2014.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SPIELBERG, S.; McDonald, L.; PARKERS, W. F. **O terminal** [The Terminal]. [*sine loco*], 2004.

SPINK, P. O lugar do lugar na análise organizacional. **Revista de Administração Contemporânea - RAC**, Edição Especial, p. 11-34, 2001.

STONER, J. A. F.; FREEMAN, R. E. **Administração**. 5. ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 2000.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova**, n. 93, 2001.

TALASKA, A. Região e regionalização: revisão conceitual e análise do processo de reconfiguração fundiária e de alteração do uso da terra na região do Corede Norte/RS. **Caminhos de Geografia**, v. 12, n. 37, 2011.

TRINDADE, G. A. Tendência(s) das monografias do curso de Licenciatura em Geografia. **R. RA´E GA**, Curitiba, n. 20, p. 143-156, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2010.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

UFPE. **A instituição**. 2016. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ufpenova/index.php?option=com_content&view=article&id=99&Itemid=178>. Acesso em: 24 mar. 2016.

UFPE. **CAA**. [*sine data*]. Disponível em: <https://www.ufpe.br/caa/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=71>. Acesso em: 17 dez. 2015.

VEIGA, A. C. R. Lugar, espaço e valores: uma abordagem dialógica com vistas à interdisciplinaridade. *In*: SILACC – Simpósio Latino Americano – Cidades e Cultura: Dimensões Contemporâneas, 2007, São Carlos. **Anais…** São Paulo: USP, 2007.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIEIRA, N. R. **As questões das geografias do ensino superior e do ensino fundamental a partir da formação continuada do professor e das categorias lugar, paisagem, território e região**: um estudo da Diretoria Regional de Ensino de Marília (SP). 2007. 199 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP – Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental, Presidente Prudente, 2007.

WANDERLEY, L. E. W. **O que é universidade?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

APÊNDICE A

Os dados foram analisados seguindo a ordem dos objetivos específicos e suas respectivas questões.

Objetivo específico I: Conhecer a personalidade do CAA/UFPE.

- Para o (a) sr. (a), quem são os principais personagens na construção da história do Centro Acadêmico do Agreste?
- O que o Centro Acadêmico do Agreste significa para o (a) sr. (a)?
- Ao pensar nos anos de existência do Centro Acadêmico do Agreste. Quais são suas principais lembranças?

Para conhecer a personalidade do CAA, questionou-se quem são os principais personagens deste lugar, ou seja, seus principais sujeitos. Questionou-se, também, o que o CAA significa para os entrevistados, pois todo lugar é dotado de significados; por fui buscou-se conhecer as principais lembranças existentes no CAA. A junção desses aspectos inerentes ao lugar mostra características da personalidade do CAA, pois todo lugar tem sujeitos, significados e também lembranças, além de outros aspectos que constituem sua identidade.

As descrições assim como os temas emergentes das questões 1, 2 e 3 podem ser observadas a seguir:

1. Para o (a) sr. (a), quem são os principais personagens na construção da história do Centro Acadêmico do Agreste?

Quadro: Identificação de temas

Entrevistados	Relatos	Temas
T1	Quem idealizou o *campus*, inicialmente. Tem a questão da participação governamental, porque, também, sem a participação governamental não há orçamento, não há a previsão para que isso exista; a sociedade civil, também, ela faz parte dessa construção, dessa realização. Aqui, mais localmente, CAA: professores, estudantes e técnicos, né? [T1]	• Idealizadores • Governo • Sociedade civil • Professores • Estudantes • Técnicos

Continuação na próxima página

Quadro: Identificação de temas Continuação da página anterior

T2	Começou com o envolvimento muito forte do reitor [...] o diretor do *campus* que fez um grande esforço pra colocar o *campus* em funcionamento [...] algo que eu achei muito marcante é que nós tivemos o grupo que tomou posse, dos técnicos, na época, salvo engano, foram 16 ou 18 e o grupo de docentes que tomou posse, também, na época [...] acho que isso foi muito importante pra gente, pra gente poder arregaçar as mangas e caminhar. [T2]	• Reitor • Primeiro grupo de técnicos • Primeiro grupo de docentes
T3	É uma relação conjunta, inicialmente, enquanto da ideia, da concepção, a partir de presidente, reitor, governador, os políticos de forma geral, mas a construção em si dessa história se deve a professores, técnicos e os alunos também. [T3]	• Presidente • Reitor • Governador • Políticos • Professores, Técnicos • Alunos
T4	Eu acho que tem a primeira turma que entrou, tanto de técnicos, quanto de docentes, como os alunos, né, e foram fundamentais pra o desenvolvimento do *campus*, [...] ele começa a ganhar características de lugar a partir dessas pessoas, então as pessoas foram fundamentais pra construção desse lugar, do CAA, do que ele é, desse espaço.[...] um diretor da época, o vice diretor, acho que são duas figuras bem importantes. [T4]	• Primeiro grupo de técnicos e de docentes • Alunos • Diretor • Vice-diretor
T5	Ah, os estudantes, os professores e os técnicos, né. Os servidores que são professores e técnicos administrativos e os discentes, né [...] não acontece o ensino, nem a pesquisa, nem a extensão se não existirem os três. [T5]	• Estudante • Professores • Técnicos
P1	Ah, são as pessoas que circulam aqui, né, os estudantes, os professores e a parte administrativa, os técnicos administrativos, porque o lugar sem as pessoas não anda, né?, as pessoas é que fazem o Centro. [P1]	• Estudantes • Professores • Técnicos
P2	Olhe, é os alunos, professor, né? Os alunos, professores e os funcionários. Os principais personagens, eu acho assim, é o aluno, porque a universidade tem que ter aluno, se não tiver aluno, num tem universidade, né. É o aluno, depois tem que ter os professores e os funcionários. [P2]	• Alunos • Professores • Funcionários
P3	Eu acho que os principais personagens são todos aqueles que no início estavam aqui e que de alguma maneira continuam presentes, né [...] para mim, aqueles que estivam desde o início e se envolveram nas várias ações da universidade para que o CAA desse certo, esses pra mim, são os principais sujeitos ou personagens dessa história do centro. Então as pessoas mais importantes, eu acho, que são professores, técnicos que, também, tiveram um grande envolvimento pra que isso daqui desse certo e, também, os estudantes. [P3]	• Professores • Técnicos • Estudantes

Continuação na próxima página

Quadro: Identificação de temas Continuação da página anterior

P4	Os principais personagens, do meu ponto de vista, são aqueles que decidiram, inicialmente, por interiorizar a universidade pública, né. Então eu penso que estes são os principais atores da construção dessa história, então a gente tem uma política nacional que pensou, né, e um gestor que pode pensar essa perspectiva, mais especificamente num âmbito local. [...] A gente não pode negar os seus primeiros gestores que tiveram a coragem de se desafiar. [...], penso que todos eles assumem um lugar, por tanto, histórico de se voltar para estas lutas da interiorização da universidade pública. [P4]	• Idealizadores • Política nacional • Gestor • Primeiros gestores
P5	Eu acho que se você dividir em termos de professores, técnicos e alunos, eu acho que cada um tem a sua parcela de responsabilidade aqui, né? [...] acho que o que o CAA é hoje depende dessas três categorias, então é professor, técnico e os alunos. [P5]	• Professores • Técnicos • Alunos

Legenda: CAA: Centro Acadêmico do Agreste
P: Professor e T: Técnico
Fonte: A autora (2016).

A primeira coluna apresenta o código de cada entrevistado. A segunda, apresenta a descrição do fenômeno, de acordo com os relatos de cada indivíduo. E a última, os temas encontrados nos relatos — estes percebidos a partir da análise daquilo essencial ao fenômeno.

Nos relatos apareceram termos que se referiam às mesmas pessoas. Então, optou-se por uma padronização. Professores e docentes foram agrupados em ―professores‖; estudantes, alunos e discentes, em ―estudantes‖. Logo, emergiram 16 temas — observados no quadro 6 —, assim como suas recorrências.

Quadro: Temas emergentes e suas recorrências

Temas	Entrevistados
Idealizadores	T1-P4
Governo	T1-T3
Sociedade Civil	T1
Professores	T1-T3-T5-P1-P2-P3-P5
Estudantes	T1-T3-T4-T5-P1-P2-P3-P5
Técnicos	T1-T3-T5-P1-P3-P5
Reitor	T2-T3
1º grupo de professores	T2-T4
1º grupo de técnicos	T2-T4
Presidente	T3
Políticos	T3
Diretor	T4-P4
Vice-diretor	T4
Funcionários	P2
Política nacional	P4
Primeiros diretores	P4

Legenda: P: Professor e T: Técnico

Dos 16 temas percebe-se que 3 (professores, técnicos e alunos) são mais mencionados pelos entrevistados. Assim, os relatos demonstraram que para muitos entrevistados os principais responsáveis na construção da história do CAA foram professores, técnicos e estudantes.

Outro fator considerado pelos entrevistados foi o envolvimento existente no início do CAA de diversas pessoas para que a instituição desse certo.

A segunda questão explora o lugar estudado de forma mais subjetiva, visando conhecer o que o Centro significa para os entrevistados, uma vez que eles figuram entre os sujeitos que contribuíram com a construção da história do CAA e que deram identidade de lugar a um simples espaço.

2. O que o Centro Acadêmico do Agreste significa para o (a) sr. (a)?

Entrevistados	Relatos	Temas
T1	Significa, assim, uma realização pessoal, [...] entende-se que é uma realização de um sonho nesse sentido, de você entrar em um espaço onde você entende ou você acredita que as relações elas são mais democráticas. [T1]	• Realização pessoal • Lugar de relações democráticas
T2	Significa um espaço de encontros, um espaço de desenvolvimento pessoal, profissional, pra você realizar suas pesquisas, seus estudos. [T2]	• Encontro • Realização pessoal • Realização profissional
T3	Uma segunda casa. [T3]	• Segurança
T4	O Centro significa um espaço além do trabalho, a gente têm muitas relações aqui, o lugar que a gente construiu ao longo do tempo é um lugar de inclusão então o centro ele vai para além de atividades laborais, ele é um espaço de interação, então é um lugar onde a gente tem a certeza que a gente construiu alguma coisa aqui e que a gente constrói amigos, Vê as pessoas que foram formadas aqui, o resultado dessa construção do *campus*, é bem importante, para além de um lugar de trabalho, é um lugar de resultados, é um lugar que coisas aconteceram, as coisas mudaram e pessoas saíram daqui formadas, isso é muito importante. [T4]	• Espaço além do trabalho • Relações sociais • Participante da construção • Espaço de formação
T5	Eu acredito que foi o motivo de muita mudança na minha vida, eu gosto de estar aqui, trabalhando aqui, o CAA ele fez parte da minha vida assim, né? [...] eu estou aqui desde o início, eu vi isso aqui sendo edificado, né, em todos os sentidos, não só a construção em si, a estrutura física, mas a edificação de muitas vidas. [T5]	• Mudança • Espaço de formação
P1	Realização profissional. É um lugar onde eu consigo exercer minha profissão bem. [P1]	• Realização profissional

Continuação na próxima página

Continuação na página anterior

P2	Significa um lugar bom de estar. Aqui é o lugar que eu trabalho, onde eu me sinto bem, é um lugar bom onde eu tô trabalhando, tô recebendo meu ganha pão. [P2]	• Lugar de trabalho • Lugar agradável
P3	O Centro Acadêmico do Agreste, representa pra mim um lugar de realizações pessoais e profissionais.[...] Ensinei muito, mas também aprendi muito aqui, né? Aprendi muito com os estudantes, aprendi com os colegas, aprendi gestão de universidade, PIBIC, toda burocracia, também. [P3]	• Realizações pessoais • Realizações profissionais • Aprendizagem
P4	O Centro Acadêmico do Agreste, do meu ponto de vista, é lugar de transformação de vidas. [...] eu penso, que o Centro acadêmico do Agreste é um lugar de transformação de vidas para muitos dos estudantes que aqui se encontram. [P4]	• Lugar de transformação
P5	Significa um lugar onde, como eu entrei no começo, né? então eu tive oportunidade de ver toda a evolução, então eu participei diretamente da construção, entrei em março, né? de 2006, exatamente quando começou era a primeira turma de professores, então é esse o significado, um espaço de trabalho do qual eu vi o nascimento e acompanhei a evolução, então o sentido é esse. [P5]	• Participante da construção • Lugar de trabalho

Nesta questão podemos constatar que emergiram 14 temas e os entrevistados que contemplaram cada um deles.

Temas	**Entrevistados**
Realização pessoal	T1-T2-P3
Lugar de relações democráticas	T1
Encontro	T2
Realização profissional	T2-P1-P3
Segurança	T3
Espaço além do trabalho	T4
Relações sociais	T4
Participante da construção	T4-P5
Espaço de formação	T4-T5
Mudança	T5
Lugar agradável	P2
Lugar de trabalho	P2-P5
Aprendizagem	P3
Lugar de transformação	P4

Dos 14 temas quatro apresentaram maior relevância (realização pessoal; realização profissional; participante da construção e espaço de formação).

Desta forma, o CAA significa para os entrevistados um lugar de trabalho, que permite realização pessoal e profissional aos mesmos, e onde estes se sentem participantes e envolvidos com a construção do lugar. O CAA é também um espaço de formação que traz experiências enriquecedoras aos seus estudantes.

Além destes aspectos percebe-se um sentimento de alegria nos relatos de alguns entrevistados, eles sentem-se felizes por fazer parte da história do CAA, por presenciar a formação e mudança proporcionada pelo *campus* aos estudantes, as relações desenvolvidas com colegas de trabalho e com estudantes também são lembradas de forma alegre.

Com a finalidade de conhecer as lembranças atreladas ao CAA, tem-se a terceira questão:

3. Ao pensar nos anos de existência do Centro Acadêmico do Agreste. Quais são suas principais lembranças?

Temas	**Relatos**	**Temas**
T1	Minhas principais lembranças são o início, né? É bem, assim, complicado [...] a instituição foi instalada inicialmente no Polo Comercial, isso gerou muita polêmica, gerou muita crítica, isso, assim, realmente marca muito fortemente minhas lembranças, [...] a gente estava em instalações provisórias, mas de todo modo me vem, também, o outro lado da moeda, que sempre têm os dois lados em tudo, no mínimo, né? , aí de repente se você esperasse as condições ideais e ter isso aqui estruturado, de repente o CAA nem existisse, né? Às vezes tem que ter alguém que tenha a coragem de ousar, de ir assim, contra o que parece coerente, né? Às vezes, um sonho nasce da incoerência, nasce das impossibilidades, enfim, você tem que ter alguém, também, que tenha a coragem de assumir os desafios, né? , e os problemas existentes naquele momento, se de repente a gente esperar as condições ideais, às vezes, a coisa não saí do papel. [T1]	• Início • Polo Comercial • Dificuldades • Críticas • Lutas
T2	As principais lembranças... muito trabalho, principalmente nos primeiros anos, muitos momentos felizes de congraçamento com os colegas, divertidos, aprendizado também [...] Acho que é isso, foi muito esforço, mas também teve muitos momentos felizes, acho que essas são as boas coisas assim, se você pegar os dez anos o que marca é a história, né? A vivência. [T2]	• Muito trabalho • Momentos felizes • Vivência
T3	Eu lembro de quando a gente trabalhava ainda no Polo, nos episódios que aconteciam lá, já teve uma chuva que quase derrubou o telhado do Polo. Depois, quando a gente veio pra cá, a gente já atolou os pés na lama, então a gente tem muita história pra contar, em termo de coisa engraçada mesmo, mas em relação a história em si, é ver o quanto isso cresceu, eram somente os primeiros blocos ali em cima e hoje totalmente expandido, ainda tem o que se fazer, mas já avançou bastante. [T3]	• Polo Comercial • Histórias engraçadas • Evolução do *campus*

Continua na próxima página

Continuação na página anterior

T4	Bom, as principais lembranças são, primeiro a inauguração no Polo. A mudança e a construção aqui do *campus*, que foram bem difíceis pra gente conseguir mudar, trazer os materiais, a gente na época não tinha mobiliários [...] era um problema no Polo expandir, porque o Polo não tinha mais espaço pra gente, então no Polo faltava espaço e aqui sobrava espaço e faltava compor esse espaço. [T4]	• Polo Comercial • Dificuldades
T5	A evolução do campus, vê-lo ser construído, é muito bom [...], a lembrança que eu tenho é uma lembrança bem recente porque ainda tá em construção, mas nesses dez anos marca, quando eu for embora daqui eu vou lembrar poxa eu participei da construção de um campus universitário, eu dei minha contribuição, eu contribui para que adolescentes, os estudantes chegam aqui adolescentes 17, 16 anos e saem daqui formados com a formação profissional, e eu, por pequena que seja minha contribuição, mas eu tô aqui dando essa contribuição. [T5]	• Evolução do *campus*
P1	Olha, minhas principais lembranças são principalmente com meus alunos, as vivências que a gente têm com os estudantes no dia a dia, em sala de aula, as experiências que a gente vai adquirindo com a sala de aula e com as pessoas, eu acho que é o que é mais enriquecedor, assim, é o que eu mais gosto, e o que eu mais lembro são as pessoas e as vivências que eu tive com elas. [P1]	• Vivências com as pessoas
P2	Só tenho lembrança boa, porque eu venho pra cá, né? dou minhas aulas, fico com meus alunos, com meus colegas. Agora pouco fui homenageada, eu gostei, né? fiquei alegre porque fui escolhida, fiquei agradecida. [P2]	• Homenagem
P3	Minhas lembranças são o início [...] carregando equipamento de um lado pro outro, porque aqui em Caruaru os professores nunca tiveram apoio pra carregar coisas, os funcionários nunca entenderam que eles tinham que contribuir e ajudar a gente. Então desde o início a gente carregava muitos equipamentos pra cima e pra baixo, quando era no Polo Comercial, as salas longe, quase ninguém tinha notebook, a gente carregava era computador, dava uma, duas, três viagens e não tinha nenhum apoio dos funcionários. Eles diziam: isso daí é problema do professor, então, isso é uma coisa que me marcou muito. Então eu lembro muito de tá carregando coisas sozinha, eu dava três viagens pra iniciar uma aula e quando terminava a aula eu dava três viagens pra voltar, e os alunos tinham ido tudo embora, então essa época é uma época que me marcou. [P3]	• Início • Dificuldades

Continuação na próxima página

Continuação na página anterior

P4	Uma das lembranças que eu tenho do centro acadêmico do agreste é quando iniciamos e que quando não estávamos nessa nossa casa, né, hoje nós estamos nessa casa, mas uma das questões que me faz lembrar é quando nós iniciamos, nós iniciamos no Polo comercial e muitos de nós professores que iniciamos esse processo recebemos muitas críticas do lugar, dos nossos ambientes formadores, onde fizemos mestrado, onde fizemos doutorado. Como você conclui um mestrado, um doutorado numa universidade X e vai agora se propor a ir para um *campus* do interior, dar aula dentro de um Centro Comercial? Eu penso que essa foi uma das críticas talvez mais dolorosas e mais difíceis que nós tivemos. [P4]	• Início • Polo Comercial • Críticas • Dificuldades
P5	As melhores lembranças são as relacionadas ao tempo que a gente estava no Polo Comercial. A principal lembrança foi dessa época do Polo, a parte inaugural, as principais lembranças foi daquela fase inicial mesmo, que nós éramos poucos professores e nos reuníamos com todos os pró-reitores frequentemente, então não tinha intermediário, dialogava diretamente com o reitor e pró-reitores, tinha muitas reuniões lá, então aqui a gente ficou mais distante, por incrível que pareça. Quando a gente tava lá no meio das lojas a gente era mais unido, aqui não. [P5]	• Início • Polo Comercial • União

Aqui, identificou-se 12 temas e sua respectiva recorrência.

Temas	**Entrevistados**
Início	T1-P3-P4-P5
Polo comercial	T1-T3-T4-P4-P5
Dificuldades	T1-T4-P3-P4
Críticas	T1-P4
Lutas	T1
Muito trabalho	T2
Momentos felizes	T2
Histórias engraçadas	T3
Evolução do *campus*	T3-T5
Vivências com as pessoas	P1
Homenagem	P2
União	P5

Aqui, surgiram 12 temas relacionados às lembranças que os servidores têm do Centro Acadêmico do Agreste, destas quatro destacam-se (início, Polo Comercial, dificuldades e críticas).

As lembranças que marcaram os entrevistados são boas e também ruins, algumas remetem as dificuldades e críticas e outras aos momentos felizes, de modo geral as lembranças são relacionadas aquilo que os sujeitos tiveram de experiências e vivências no lugar, tanto na fase inicial da instituição como ao longo dos anos. No entanto, algumas são mais mencionadas e

mais fortes, como a fase inicial da organização, quando esta ainda era localizada no Polo Comercial, e as dificuldades e críticas sofridas nessa época.

Objetivo específico II: Conhecer as razões que levaram os professores e técnicos a escolherem o — e se manterem no — CAA/UFPE como lugar de trabalho.

4. Por qual motivo o (a) sr. (a) escolheu trabalhar no Centro Acadêmico do Agreste?
5. Quais as razões para o (a) sr. (a) ter permanecido no Centro Acadêmico do Agreste ao longo dos anos?

Para compreender melhor a relação indivíduo - espaço, aqui representada por servidores – CAA, duas questões foram desenvolvidas, e nelas busca-se identificar o motivo pelo qual os servidores escolheram trabalhar no Centro Acadêmico do Agreste e a razão que os fez permanecer no mesmo por dez anos.

4. Por qual motivo o (a) sr. (a) escolheu trabalhar no Centro Acadêmico do Agreste?

Entrevistados	Relatos	Temas
T1	Especificamente porque moro em Caruaru, [...] então era também pela comodidade de trabalhar na mesma cidade, de ter um trabalho na cidade onde você mora. [T1]	• Trabalhar onde mora
T2	Primeiro, foi concurso público, né? E não era só o Centro Acadêmico do Agreste, eu procurei opções que eram ideais para mim, inclusive eu passei em outro concurso que era interessante em Recife e eu abri mão, aí eu acho que aqui é o que eu te falei, eu me envolvi com a história do campus, pra mim ela foi mais importante. Porque assim, se eu vou fazer a mesma coisa em outra instituição, eu prefiro ficar com aquela que como um todo eu vejo que ela tá oferecendo um retorno social, que pra mim, eu acho mais importante. Essa aqui eu me identifico mais. [T2]	• Identificação com a instituição
T3	É um órgão federal, assim que abriu as inscrições do concurso eu resolvi me inscrever, por isso, estabilidade. [T3]	• Estabilidade
T4	Eu escolhi trabalhar no *campus* pela estabilidade do serviço público, no início foi esse o meu motivo de escolha, eu tinha acabado de me formar e assim surgiu um concurso para administrador, então eu fiz o concurso por estabilidade, mas ao longo do tempo é uma escolha ficar aqui e permanecer aqui, por ser minha cidade, por esses laços, por esses vínculos. [T4]	• Estabilidade • Trabalhar onde mora

Continuação na próxima página

Continuação na página anterior

T5	Na verdade, não foi bem uma escolha. Eu precisava trabalhar, estava a procura de um vínculo que me oferecesse uma certa estabilidade, prestei o concurso, fui aprovada, dentre outros concursos que eu tinha sido aprovada, o cargo aqui me oferecia uma renda melhor, um salário melhor, então eu fiz a opção por vir pra cá. [T5]	• Estabilidade • Renda maior
P1	Primeiramente, foi a oportunidade que eu tive. No ano que eu terminei meu mestrado abriu a vaga de concurso, e é uma vaga difícil, [...], então foi uma oportunidade que eu tive. [P1]	• Oportunidade
P2	Eu acho que não fui eu que escolhi não. Eu fiz o concurso, num é, graças a Deus passei, [...] Passei e fiquei aqui, porque eu gosto de estar aqui. [P2]	• Não considera uma escolha
P3	Eu queria muito voltar para o nordeste, porque eu entendia que eu iria contribuir muito mais numa universidade do Nordeste [...] aqui talvez a minha contribuição pudesse ser mais significativa, [...] aqui eu teria chance de construir coisas a partir do que eu entendesse que seria melhor ou a partir daquilo que era mais voltado para o meu potencial de contribuição. E, de fato, foi.[...] Então, de fato, aqui me possibilitou construir coisas, criar grupos de pesquisa, coisas que se eu fosse pra outra universidade já consolidada eu teria que me adequar as estruturas existentes, aqui não, aqui eu criei coisas e essas coisas existem até hoje. [P3]	• Vontade de atuar na região • Possibilidade de contribuição
P4	O motivo pelo qual eu escolhi, primeiro porque eu sou deste lugar, eu penso que eu tenho contribuições a apresentar para esta população, eu penso que eu tenho um quadro de pertencimento a este espaço do Agreste, [...], então quando abriu a possibilidade do concurso, eu entendi que era este lugar para onde eu deveria retornar, retornei [...] eu sou feliz com o que faço, me empenho no meu trabalho, gosto do que faço, vejo o crescimento das pessoas me realiza, então eu penso que este é o motivo mais forte que faz com que eu de fato, eu me motive para viver aqui e continuar aqui pelo centro acadêmico do agreste. [P4]	• Vontade de atuar na região • Possibilidade de contribuição • Pertencimento
P5	Em primeiro lugar eu queria Universidade Federal de Pernambuco, e em segundo lugar eu queria agir diretamente na minha terra, eu sou pernambucana, eu sou de recife. [P5]	• Ser UFPE • Vontade de atuar na região

Aqui, identificou-se 10 temas e os entrevistados que os abordaram.

Temas	**Entrevistados**
Trabalhar onde mora (comodidade)	T1-T4
Identificação com a instituição	T2
Estabilidade	T3-T4-T5
Renda maior	T5
Oportunidade	P1
Não considera uma escolha	P2
Vontade de atuar na região	P3-P4-P5
Possibilidade de contribuição	P3-P4
Pertencimento	P4
Ser UFPE	P5

Entre os 10 temas encontrados, 4 foram considerados de maior relevância (trabalhar onde mora; estabilidade; vontade de atuar na região e possibilidade de contribuição).

Destarte, constatou-se que os motivos pelos quais os servidores escolheram o Centro Acadêmico do Agreste como lugar de trabalho foi a comodidade de trabalhar no lugar em que moram, Caruaru; estabilidade; possibilidade de contribuição, principalmente na região que o CAA encontra-se.

É interessante observar que os técnicos e os professores apresentam motivos diferentes de escolha. Os técnicos preocupam-se mais com estabilidade e comodidade, enquanto os professores buscam uma oportunidade de contribuir com o ensino e demonstram interesse em atuar na região que o CAA se encontra.

Ao longo dos anos, muitos funcionários ingressaram e saíram do CAA, acredita-se que aqueles que permaneceram no lugar por dez anos, possuem alguma razão para isto, e talvez, diferente do motivo pelo qual ingressaram, como verificação apresenta-se a quinta questão:

> 5. Quais as razões para o (a) sr. (a) ter permanecido no Centro Acadêmico do Agreste ao longo dos anos?

Entrevistados	Relatos	Temas
T1	É mais a questão de estabilidade mesmo, entendeu? Assim, não vou dizer a você que de repente não dá vontade de ir para outros espaços, fazer novas experiências, [...] às vezes, me vem esse desejo de ir pra uma outra instituição, outra perspectiva de trabalho, novos desafios, porque aqui a coisa é muito demarcada. [...] por exemplo, eu já vinha, assim, bastante insatisfeita de tá realizando a mesma coisa a dez anos, eu queria mudança, eu queria novos desafios, [...] uma nova perspectiva de trabalho [...] é mais estimulante, do que passar a vida inteira estagnada num local, mas o que de fato me fez permanecer aqui, não foi uma identificação com a instituição, por exemplo, foi mais a questão, realmente, de uma estabilidade financeira. [T1]	• Estabilidade
T2	Acreditar no projeto, [...]então aqui me fez ficar por acreditar nesse projeto, por eu ser da terra, por eu entender a importância que é isso aqui, uma instituição superior pública, a diferença que isso faz, principalmente quando você termina a graduação, quando você entra no mestrado e parte pra um doutorado a diferença que faz ao longo dos anos, né? [T2]	• Acreditar na contribuição da instituição
T3	Não apareceu um motivo para sair, então a gente permanece já que tem estabilidade. [T3]	• Estabilidade
T4	Por ser a minha cidade natal Caruaru, [...], pela instituição ter investido em capacitação nos últimos anos, isso fez com que do ponto de vista de carreira fosse interessante continuar aqui. [T4]	• Trabalhar onde mora • Capacitação

Continuação na próxima página

Continuação na página anterior

T5	Foi uma questão de opção mesmo, eu optei por ficar aqui, poderia ter solicitado transferência, mas não, eu descobri também que tinha um curso interessante aqui, fiz o curso, [...] e assim, foram alguns motivos, né? Eu gostei da cidade de Caruaru, me permitiu realizar algumas questões pessoais, então eu fiz a opção por ficar, mesmo não sendo daqui. [T5]	• Realização pessoal
P1	Trabalhar aqui com tranquilidade [...] E outros motivos, que aqui a gente tem a liberdade, de você poder desenvolver projetos, poder desenvolver pesquisa, coisas que quando a gente vai pra um Centro que já tá estabelecido, com curso que já têm muitos professores antigos, é difícil de você ter a liberdade de fazer coisas novas. [P1]	• Tranquilidade • Realização de atividades acadêmicas
P2	É porque, uma que eu já entrei aqui já no final da carreira, aí eu deixei ficar até o fim pra me aposentar, e também porque eu gosto, né. A gente se dá bem e não quer tá saindo. [P2]	• Perto de aposentar-se • Gostar da instituição
P3	Eu não posso dizer que aqui teria um motivo pra eu sair, porque tudo que eu quis construir, eu construí, então não tem um motivo pra sair. [...] não há motivos para eu sair quando eu penso em carreira acadêmica, não tem porquê. [...] Não percebi que aqui fosse um lugar onde eu não teria êxito ou um lugar de não realizações, aqui eu fiz tudo que eu quis e trabalhei. [P3]	• Realização de atividades acadêmicas
P4	Eu tenho características de ser de fato interiorana, eu gosto do interior, [...], porque eu de fato tenho uma identidade marcada pela perspectiva da interiorização, [...], eu quero viver a minha vida de fato no interior e vivo muito bem aqui em Caruaru, [...] eu quero me manter aqui. [P4]	• Gosta da região
P5	Sou pernambucana então eu pude fazer alguma coisa pra melhorar aqui, então por isso que eu escolhi. [P5]	• Realização de atividades acadêmicas

Entre os motivos de permanência identificou-se 10 temas e os entrevistados que os abordaram.

Temas	**Entrevistados**
Estabilidade	T1-T3
Acreditar na contribuição da instituição	T2
Trabalhar onde mora	T4
Capacitação	T4
Realização pessoal	T5
Tranquilidade	P1
Realização de atividades acadêmicas	P1-P3-P5
Gostar da instituição	P2
Perto de aposentar-se	P2
Gostar da região	P4

Dos 10 temas que surgiram, 2 destacaram-se mais (estabilidade e realização de atividades acadêmicas).

Constata-se que os fatores destacados como motivos de escolha também apareceram como motivo de permanência na instituição, por exemplo: estabilidade e realização de atividades acadêmicas. Destaca-se, ainda, que a possibilidade de realizar atividades foi alcançada e não encontra-se mais em nível de expectativa, como na escolha. A estabilidade, por sua vez, também foi atingida, mas esta por si só não foi suficiente para satisfazer alguns servidores, pois estes desejam outras perspectivas.

Objetivo específico III: Conhecer as características — positivas e/ou negativas — do CAA/UFPE para os sujeitos que nele trabalham.

6. De que o (a) sr. (a) mais gosta e de que não gosta no Centro Acadêmico do Agreste?

Para facilitar a compreensão separou-se os aspectos positivos dos negativos em duas questões.

6.1 De que o (a) sr. (a) mais gosta no CAA?

Entrevistados	Relatos	Temas
T1	Eu gosto, assim, do trabalho que muitas vezes é em parceria [...] Porque um trabalho parceiro é um trabalho que tende a fortalecer a instituição, então isso aqui a gente tem, e eu acho que isso é positivo. [T1]	• Trabalho em parceria
T2	Eu me sinto muito feliz em contribuir com esse projeto [...] aqui é diferente, né, então isso mexe comigo, me faz sentir que eu tô dando uma contribuição pra sociedade, e eu gosto disso. [T2]	• Oportunidade de contribuição
T3	Eu gosto muito do ambiente de trabalho, do pessoal que trabalha aqui. [T3]	• Ambiente • Pessoas
T4	Eu gosto das pessoas, dessas relações, o trabalho que o CAA tem: formar pessoas, das características da região. [T4]	• Pessoas • Objetivo do CAA • Região
T5	Eu gosto muito da situação geográfica, onde ele está localizado, eu gosto de muitas das pessoas que fazem parte aqui do CAA, as pessoas que estão aqui, muitos dos técnicos que estão aqui desde o início de 2006, outros que entraram depois, os colegas, muitos dos professores eu tenho muita afinidade e ambiente em si, os estudantes, eu tenho uma relação muito boa com os estudantes. Então tudo pra mim é agradável, eu tenho construído muitas amizades boas. [T5]	• Localização • Pessoas • Amizades

Continuação na próxima página

Continuação na página anterior

P1	O que eu mais gosto é a calma do lugar, a paisagem, tá no meio de uma paisagem mais natural, eu sentiria muito se com o passar do tempo cercassem de prédios e coisas do tipo, eu gosto dessa paisagem aqui ao redor, tranquilidade de se trabalhar, de se estar aqui no *campus* é muito boa. [P1]	• Paisagem • Tranquilidade
P2	Uma das coisas que eu mais gosto é dos alunos, eu gosto muito dos alunos, eu gosto também dos professores, dos meus colegas e dos funcionários, mas mais dos alunos porque a gente trabalha mais com os alunos. [P2]	• Alunos • Professores • Colegas
P3	Do que eu mais gosto é dos estudantes, eu gosto muito da relação com os estudantes, tenho ótima relação com os projetos que eu desenvolvo com eles, [...] então essa parte é uma parte que eu gosto muito, e de ser um trabalho que eu me sinto sempre crescendo, tô sempre pesquisando, tô sempre escrevendo, tô sempre estudando. [P3]	• Relação com os estudantes • Estar sempre aprendendo
P4	Eu vivo de fato no CAA uma experiência extremamente enriquecedora com a população estudante, [...] a gente vai percebendo aos poucos o quanto este centro tem contribuído para transformar a vida das pessoas, então de fato a população de estudantes é algo que me encanta, né, é neste espaço, vê-lo se desafiando no mundo da academia, no contexto da produção do conhecimento é de fato para mim uma satisfação muito grande então esse é um dos elementos que faz com que eu de fato goste de viver no centro acadêmico do agreste. [P4]	• Contribuição do CAA para com os estudantes
P5	O que eu mais gosto é dessa oportunidade de ter podido acompanhar desde o começo, a gente tem mais possibilidades de enxergar quais são as dificuldades, né? na evolução. [P5]	• Oportunidade de contribuir

Aqui, identificou-se 13temas e sua respectiva recorrência.

Temas	**Entrevistados**
Trabalho em parceria	T1
Oportunidade de contribuir	T2-P5
Ambiente de trabalho	T3
Pessoas	T3-T4-T5-P2
Objetivo do CAA (formação)	T4
Região	T4
Localização	T5
Amizades	T5
Tranquilidade	P1
Paisagem	P1
Relação com os estudantes	P3
Estar sempre aprendendo	P3
Contribuição do CAA para com os estudantes	P4

Apareceram 13 temas relacionados àquilo que os entrevistados gostam no CAA, cinco temas foram destacados dentre esses como de maior relevância: pessoas, oportunidade de contribuir, localização, paisagem e relação com os estudantes.

Os entrevistados revelaram gostar das pessoas, da relação com estudantes, com colegas e também a possibilidade de criar amizades. A oportunidade de contribuir com a história do

CAA também se destaca, assim como outros aspectos relacionados ao ambiente também apareceram, estes relacionados a calma, a tranquilidade, a paisagem e até a localização do CAA. Destacando-se um aspecto mais humano e também mais próprio das características do ambiente.

6.2 De que o (a) sr. (a) não gosta no Centro Acadêmico do Agreste?

Diversas considerações foram feitas pelos entrevistados no que diz respeito ao que eles não gostam no CAA.

Entrevistados	Relatos	Temas
T1	O que eu não gosto é porque, assim, a UFPE, ela é politicamente, é poder docente somente, ou seja, você é técnico, você é totalmente, assim, desmerecido em relações de decisão, de deliberação. Então professor é reitor, professor é diretor, professor é pró-reitor, professor é diretor de centro. Quer dizer, assim, você vai estar sempre numa relação de subjugação, independente de titulação, independente de formação, independente de competência técnica, as relações de poder aqui são muito determinadas, são muito demarcadas. [...] você percebe aqui que, de uma maneira assim bem clara: quem manda é professor. Então assim, independente de qualquer coisa, você vai estar sempre numa relação de poder subjugada com relação à docência, independente de competência técnica ou não, inclusive pode até haver uma mudança agora no estatuto da UFPE, mas pelo estatuto da UFPE, técnico não tem direito, por exemplo, a concorrer pra ser reitor. [...], não têm pré-requisitos, assim, por exemplo: pra você concorrer a reitorado você tem que ter doutorado, pronto. Não têm esses critérios, ou seja, tem que ser docente, entendeu? [T1]	• Desigualdade entre professores e técnicos • Falta de oportunidade de contribuição dos técnicos
T2	Em termos de carreira, eu acredito que a gente precisa fazer alguns ajustes e abrir mais espaços, porque a gente tem muita gente capacitada, com mestrado, com doutorado e que fica engessado na estrutura, sem poder dar uma contribuição maior, isso passa também por uma carreira mais estruturada financeiramente também, é abominável você ter que fazer uma greve pra você conseguir cinco por cento de aumento quando a inflação é maior que isso. [...] é preciso ter um cuidado aí, em incentivo e em você olhar a carreira a longo prazo, né? Quando eu falo de incentivo, não é só salarial, mas é todo um conjunto que envolve pra você permanecer numa carreira, acho que esse é o desafio que a gente tem hoje. [T2]	• Falta de oportunidade de contribuição dos técnicos • Necessidade de implantação de melhorias na carreira dos técnicos
T3	O que eu não gosto muito é que a gente ainda carece de falta de investimento, e isso aí é geral, embora a gente já tenha caminhado muito em relação a isso. [T3]	• Falta de investimento

Continuação na próxima página

Continuação na página anterior

T4	O que eu não gosto são coisas assim, quase que inerentes ao serviço público, aspectos da burocracia, certos vínculos que a gente ainda tem com Recife que dificultam certos processos, então são quase processos próprios do serviço público. [T4]	• Aspectos burocráticos
T5	Não existe um não gostar, existem algumas expectativas que a gente tem que não são realizadas, mas acredito pelas dificuldades próprias do *campus* que com o tempo vão ser resolvidas. [...], como o *campus* está em construção o que existe são expectativas, então a gente tem expectativa que o restaurante funcione, a gente tem expectativa que algumas questões com relação aos servidores sejam reconhecidas, a gente tem expectativa de horário, que os horários sejam melhor estabelecidos pra todos os setores, a gente tem expectativa que não haja tanta reprovação, são muitas as expectativas. [T5]	• Expectativas não realizadas • Necessidade de implantação de melhorias na carreira dos técnicos
P1	Uma questão que eu não gosto é a falta de infraestrutura, pra muita coisa aqui. Eu sei que a gente tem que construir as coisas aos poucos, com mais calma, mas chega um ponto que depois de dez anos, a gente vê que certas coisas já podiam estar resolvidas e não estão infelizmente. [P1]	• Falta de infraestrutura
P2	O que eu não gosto aqui, só é a distância, né, pra mim porque eu moro lá em Recife. Eu moro em Recife, mas podia até morar aqui em Caruaru. [P2]	• Distância
P3	Tem uma parte meio de trato de relações humanas, mas mais baseado em: essa é minha área, essa é minha área, e tal. Mas também aqui na universidade, o que não me agrada é a demora com que as coisas acontecem, [...] Nesses dez anos, vai fazer dois anos que a gente tá aqui (bloco de pedagogia, terceira etapa), [...], quando chove a gente patina na lama, a gente tem problema: as salas não tem ar-condicionado, enfim, a gente tá em condições tão precárias como no início, quando a gente veio pra o *campus*, né. [P3]	• Aspectos de relações humanas • Demora na realização de algumas coisas • Condições precárias
P4	O que eu não gosto no centro acadêmico... eu não gosto dos processos centralizadores,[...] o não compartilhamento das decisões é algo que me, que eu não gosto, eu penso que algo que não faz parte, de fato, da minha concepção de gestão, e aí eu penso que nessa perspectiva, a gente precisa de fato avançar, isso é uma questão, que eu penso que nós temos muito a fazer ainda pela frente, e aí eu penso que nessa perspectiva a gente só avança se a gente conseguir constituir aqui um grupo que possa discutir esses processos e avançar nessa direção. Então eu penso que muitas dessas questões da centralização não permite, não faz com que possamos avançar muito mais do que temos avançado. [P4]	• Não compartilhamento das decisões
P5	E o que eu não gosto, com relação a esses gargalos de participação da comunidade. [P5]	• Falta de envolvimento da comunidade

Aqui, identificou-se 13 temas e sua recorrência.

Temas	**Entrevistados**
Desigualdade entre professores e técnicos	T1
Falta de oportunidade de contribuição dos técnicos	T1-T2
Necessidade de implantação de melhorias na carreira dos técnicos	T2-T5

Continuação na próxima página

Continuação na página anterior

Falta de investimento	T3
Aspectos burocráticos	T4
Expectativas não realizadas	T5
Falta de infraestrutura	P1
Distância	P2
Aspectos de relações humanas	P3
Demora para realização de coisas	P3
Condições precárias	P3
Não compartilhamento de decisões	P4
Falta de envolvimento da comunidade acadêmica	P5

Quanto ao que desagrada os entrevistados, constatou-se 13 temas, dentre esses quatro foram escolhidos por sua importância e centralidade: desigualdade entre professores e técnicos; falta de oportunidade de contribuição dos técnicos; necessidade de implantação de melhorias na carreira dos técnicos e o não compartilhamento de decisões.

Algumas questões das quais alguns entrevistados não gostam são próprias do serviço público, como eles afirmaram, então foram selecionados aqueles temas que impactam mais e que carecem de maior atenção.

Entre os aspectos dos quais os entrevistados não gostam alguns problemas, principalmente, relacionados aos técnicos foram constatados, como a desigualdade existente entre professores e técnicos; a falta de oportunidade de contribuir na organização, independente de capacidade técnica; necessidade de melhores horários, remuneração e até reconhecimento e o sistema de tomada de decisão centralizador existente.